

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Cruzadas e encruzilhadas: a vivência da parentalidade em  
contexto de recasamento**

**Filipa Nunes Bento**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /**

**Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2017**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Cruzadas e encruzilhadas: a vivência da parentalidade em  
contexto de recasamento**

**Filipa Nunes Bento**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde /**

**Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2017**

*“We need to validate stepfamilies as positive and viable units with unique structures that are not imperfect copies of nuclear families, but rather, complex family systems created from the integration of old loyalties and new ties.”*

Emily Visher

## Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Narciso pela ajuda incansável, conselhos e palavras de apoio ao longo desta viagem intimidante mas igualmente fascinante. Pela inspiração que foi, é e continuará a ser. Sem si, este trabalho não seria possível.

À Dr.<sup>a</sup> Mariana Fernandes pela constante disponibilidade, simpatia, ajuda e transmissão de confiança e calma neste período de grande ansiedade.

Aos meus pais, por saber que tenho sempre dois “colinhos” para onde voltar, por me apoiarem incondicionalmente, e por acreditarem em mim até quando eu não acredito. Obrigada por todo o esforço ao longo destes cinco anos. Para sempre os três mosqueteiros.

Às minhas duas meninas, por serem as irmãs que nunca tive. Obrigada por todos os conselhos, momentos de descontração e risadas, mas acima de tudo pela nossa amizade sincera. Não podia ter amigas melhores e um parágrafo não chega para o descrever. *MF*.

Ao meu João, por ter aparecido no *timing* certo na minha vida, por me ter aturado todos os dias neste período de ansiedade e *stress*, e por conseguir pôr-me sempre um sorriso na cara. És a minha sorte grande.

À minha Rita (companheira de sistémica), à minha Filó e à minha Joana, por enriquecerem o meu percurso académico com amizade e felicidade, no aquário, no lago, nas aulas, e em toda a Lisboa e Santarém. Mais do que companheiras de curso, amigas que trago para a vida.

Às minhas psicólogas lindas, pelos momentos felizes dentro e fora das aulas, e por todas as conversas de entreajuda que foram fundamentais para me darem confiança e alento nesta etapa. Que a nossa amizade seja eterna.

Aos meus “ursos”, por serem amigos com quem posso sempre contar para receber abraços sinceros e por todo o humor que nos caracteriza.

À minha família e amigos, pela preocupação e atenção ao longo desta etapa, e de quem receber miminhos sabe sempre bem.

## Índice

Lista de Tabelas e Figuras

Resumo

Abstract

Introdução.....1

Enquadramento Teórico.....2

    O papel da empatia interpessoal.....6

    Ajustamento psicológico da criança e reatividade parental.....10

Metodologia.....16

    Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo.....16

    Objetivos e Questões Exploratórias de Investigação.....17

    Participantes.....18

    Procedimento de Recolha de Dados.....19

    Instrumentos e Variáveis.....19

    Procedimento de Análise de Dados.....22

Resultados.....23

    Comparação de médias.....23

    Análise de correlações.....25

    Análise de regressões.....28

Discussão.....31

Conclusão.....37

    Limitações.....38

Referências Bibliográficas.....40

Anexos

## **Lista de Tabelas e Figuras**

**Tabela 1** – Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do participante.

**Tabela 2** – Matriz de correlações entre as variáveis em estudo.

**Tabela 3** – Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Reatividade Parental Negativa.

*Figura 1* – Mapa conceitual das variáveis independentes em estudo e a sua influência na variável dependente: influência da empatia interpessoal parental e percepção do ajustamento psicológico da criança (total de problemas) na reatividade parental (construtiva e negativa).

## Resumo

As famílias em situação de recasamento são uma realidade crescente no contexto mundial e nacional, tornando-se fundamental e inadiável a investigação acerca dos fatores e processos que as influenciam, e de que forma. No presente estudo, procurou-se compreender a relação entre empatia interpessoal dos pais, ajustamento psicológico dos filhos e reatividade parental construtiva e negativa em contexto de recasamento, analisando também as diferenças entre estas variáveis em pais por conjugalidade (madrastas e padrastos)<sup>1</sup> e pais biológicos. A amostra incluiu 122 participantes, 80 dos quais eram pais biológicos (divorciados em situação de recasamento) e 42 pais por conjugalidade (i.e., padrastos/madrastas). A nível de instrumentos foram utilizados o *Índice de Reatividade Interpessoal* – IRI, o *Strengths and Difficulties Questionnaire* – SDQ-Port, e o *Coping With Children's Negative Emotions Scale* – CCNES. Os resultados demonstraram diferenças significativas em ambas as subamostras na diferença de perceção que os pais têm do ajustamento psicológico dos filhos, onde os pais por conjugalidade apresentaram valores mais elevados da perceção do ajustamento dos filhos em comparação com os pais biológicos; associações entre empatia interpessoal e reatividade parental construtivas e negativas em ambas as subamostras, bem como entre reatividade parental construtiva e negativa na amostra de pais por conjugalidade. Verificámos também que a empatia interpessoal parental contribuiu negativamente para a variância das reações parentais negativas, e positivamente para as reações parentais construtivas.

**Palavras-chave:** empatia, ajustamento psicológico infantil, reatividade parental, pais por conjugalidade, recasamento.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos a expressão “pais por conjugalidade” para nos referirmos a madrastas e padrastos, uma vez que não existe, na língua portuguesa, um termo equivalente ao “stepparents” utilizado na língua inglesa.

## Abstract

Families in remarriage situations are a growing reality worldwide and in Portugal, making it fundamental and urgent to investigate the factors and processes that influence them and how. In the present study, the relationship between the parents' interpersonal empathy, the children's psychological adjustment and the constructive and negative parental reactivity in remarriage context was analyzed, also as the differences between these variables in stepparents and biological parents. The sample included 122 participants, 80 of whom were biological parents (remarried) and 42 stepparents. There were used three instruments: the *Interpersonal Reactivity Index* - IRI, the *Strengths and Difficulties Questionnaire* - SDQ-Por, and the *Coping With Children's Negative Emotions Scale* - CCNES. The results evinced significant differences in both subsamples in the difference of perception that the parents have of the psychological adjustment of the children, where the stepparents perceived better the adjustment of the children in comparison with the biological parents; associations between interpersonal empathy and constructive and negative parental reactivity in both subsamples, as well as between constructive and negative parental reactivity in the sample of stepparents. It was also discovered that parental interpersonal empathy contributed negatively to variance of negative parental reactions, and positively to constructive parental reactions.

**Key-words:** empathy, child psychological adjustment, parental reactivity, stepparents, remarriage.



## Introdução

As famílias em situação de recasamento<sup>2</sup> são cada vez mais uma realidade no nosso país, sendo, assim, fundamental conhecer e compreender as suas características, visto que os processos familiares se afirmam extremamente relevantes na vida tanto dos pais como dos filhos (Lopes, Ferreira, Ramos, & Oliveira, 2008; Delgado & Wall, 2014). Desta forma, é essencial compreender o que caracteriza estas famílias, como é que os pais por conjugalidade lidam com os filhos, e perceber de que forma esses processos e variáveis influenciam o desenvolvimento das crianças e os próprios pais.

A pertinência desta dissertação fundamenta-se com a ascensão da quantidade de famílias em situação de recasamento em Portugal (Lopes et al., 2008; Delgado & Wall, 2014), e pela importância de compreender as características, processos e influências dos mesmos nos indivíduos que constituem estas famílias, tal como a forma como estes fatores interagem entre si. O presente estudo intenta analisar a relação entre variáveis individuais (empatia interpessoal dos pais), parentais (reatividade parental) e da criança (ajustamento psicológico) em contexto de recasamento, explorando também as diferenças entre estas variáveis em pais por conjugalidade (madrastas e padrastos)<sup>3</sup> e pais biológicos. Saliente-se, ainda, que a empatia interpessoal está escassamente explorada na literatura científica sobre parentalidade em recasamentos. Desta forma, este estudo tem como finalidade cooperar para o acréscimo de conhecimentos científicos no campo da parentalidade (pais biológicos vs. pais por conjugalidade) no recasamento.

O presente estudo inclui as seguintes secções: Enquadramento Teórico, no qual se procurou desenvolver uma revisão de literatura de acordo com as variáveis selecionadas; Método, no qual se encontra explicada a caracterização da amostra, variáveis e instrumentos utilizados, tal como os procedimentos de recolha e análise dos dados; Resultados, com a descrição dos resultados obtidos no estudo; Discussão, com a reflexão dos resultados e respetivas limitações do estudo; e, por fim, a Conclusão, com uma reflexão final acerca das implicações para futuras investigações e para a prática e intervenção clínica.

---

<sup>2</sup> Utilizaremos o termo “recasamento” para nos referirmos a situações de reconjugalidade, quer por casamento efetivo, quer por união de facto ou coabitação conjugal.

<sup>3</sup> Utilizaremos a expressão “pais por conjugalidade” para nos referirmos a madrastas e padrastos, uma vez que não existe, na língua portuguesa, um termo equivalente ao “stepparents” utilizado na língua inglesa.

## Enquadramento Teórico

Numa época em que a família e respetivas práticas têm sofrido variadas mudanças, o recasamento é um fenómeno demográfico que tem obtido visibilidade a vários níveis. Pode ser definido como o casamento<sup>4</sup> de indivíduos que já tiveram outra relação anteriormente que terminou por motivo de viuvez, divórcio ou separação. Em Portugal, as estatísticas demográficas revelam uma redução considerável do número de casamentos, tanto civis como católicos, embora os recasamentos sejam cada vez mais expressivos, tendo aumentado de forma considerável (Lopes et al., 2008). Entre o ano de 2001 e 2011, a proporção de núcleos familiares reconstituídos, dentro do total de núcleos familiares de casais com filhos, aumentou em Portugal de 2,7% (46 786) para 6,6% (105 763) (Delgado & Wall, 2014). Considerando a população de recasados em Portugal, sublinhe-se que os divorciados, de ambos os sexos e independentemente da idade, recasam muito mais frequentemente que os viúvos; os homens, qualquer que seja o seu estado civil, recasam mais frequentemente que as mulheres; a idade é um fator importante, visto que os mais jovens revelam maior tendência para se envolverem numa nova relação conjugal (Lopes et al., 2008).

Sendo o divórcio um evento stressante, tendo em conta que compromete inúmeras mudanças e adaptações tanto dos pais como das crianças, pode causar um mal-estar psicológico em ambos, diminuir os níveis de saúde física e psicológica e, consequentemente, desencadear uma inadequada adaptação, rendimentos académicos baixos e comportamentos de risco por parte das crianças (Nunes-Costa, Lamela, & Figueiredo, 2009). Desta forma, as famílias em situação de recasamento podem defrontar-se com várias contrariedades, tais como a sobrecarga e o *stress* parental, o estigma social, o conflito entre os progenitores, a falta ou ausência de um dos pais (Alarcão, 2002), podendo afirmar-se que as famílias recasadas se caracterizam por uma marcada complexidade (Anderson & Greene, 2013).

Diferentes estudos concluíram que a relação entre os pais e a criança é um elemento decisivo que irá influenciar o desenvolvimento e a estabilidade psicossocial da criança (e.g., Hetherington & Kelly, 2002). Como tal, se essa relação for conflituosa, a tendência para surgirem problemas emocionais e comportamentais na criança aumenta (Feinberg, 2003; McHale, Kuersten-Hogan, & Rao, 2004). Desta forma, a qualidade das

---

<sup>4</sup> O termo “casamento” será utilizado para nos referirmos a situações de casamento efetivo, união de facto ou coabitação conjugal.

interações parentais é a base para a criação de uma relação de confiança e intimidade, o que tem consequências profundas ao nível das experiências, da expressão e da regulação de emoções da criança (Eisenberg, Champion, & Ma, 2004; Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). Do ponto de vista das teorias da coparentalidade, a parentalidade é diretamente influenciada pela qualidade da relação coparental (e.g., Feinberg, 2003), visto que prima por abarcar todos os processos e métodos usados pelos pais com vista a influírem no desenvolvimento da criança (Cruz, 2005).

Na situação de recasamento, os parceiros podem trazer filhos de relações anteriores para residirem na habitação atual, podem existir filhos que não coabitem com eles, e o casal pode ainda ter filhos em comum. A crescente complexidade dessas famílias pode acrescentar ainda desafios adicionais (Brown & Manning, 2009; Hetherington & Kelly, 2002), mas ainda existe pouca investigação sobre como os membros da família se adaptam a esses desafios e o que os influencia (Anderson & Greene, 2013).

Nas famílias recasadas, os pais por conjugalidade acabam por ter o desafio de inventar lugares em vez de substituírem lugares já existentes, como o de pai ou mãe. Deve evitar-se a sobreposição de papéis, primando-se a construção de espaço para os membros mais recentes (Uziel, 2000). Tal como Guimarães e Amaral (2009) defenderam, há um salto repentino para papéis e situações sem uma clara definição. Não há ligações biológicas nem explicações oficiais para as funções de padrasto, madrasta ou enteado, acabando por ser a convivência o fator mais influenciador no desenvolvimento da integração familiar.

Numa investigação que comparou famílias recasadas e famílias intactas, o assunto que motivava mais frequentemente conflitos em famílias intactas era dinheiro, enquanto em famílias recasadas eram as crianças (Stanley, Markman, & Whitton, 2002). Num outro estudo, verificou-se que mais de 50% dos fatores de *stress* descritos pelos casais de famílias recasadas estavam relacionados com os seus filhos e enteados (Lee-Baggley, Preece, & DeLongis, 2005). Os desacordos acerca do comportamento das crianças e as deliberações sobre a coparentalidade foram das causas de conflito mais comuns, e consequentemente maior conflito nas famílias recasadas contribuiu para maiores taxas de divórcio (Hobart, 1991).

À medida que cresce, a criança vai ficando mais estimulada e dinâmica na interação com as figuras de vinculação, com a ampliação do seu repertório comportamental, cognitivo e emocional (Soares, 2001). Ao alterar-se a estrutura

familiar, como no caso do recasamento, pode constatar-se transformações na qualidade da vinculação das crianças, sobretudo quando a criança sente a mãe menos apoiante e disponível (Faber & Wittenborn, 2010). Assim sendo, quanto mais organizado e estruturado for o ambiente, mais facilmente a criança consegue desenvolver-se (Sanders & Markie-Dadds, 2003). Se a nova relação ameaçar a ligação da criança com a mãe, pode acabar por influenciar a qualidade de relações futuras da criança, tal como uma relação complicada com o padrasto (Hetherington, 2003).

Nos primeiros anos após o divórcio e o recasamento, parece existir maior instabilidade e imprevisibilidade no ambiente familiar, decorrentes de diversas mudanças, por exemplo, no aspeto económico e nas funções parentais (Amato, 2010; Dunn, 2002; Lansford, 2009). As emoções que surgem nas crianças durante o divórcio dos pais são fortes e frequentemente negativas. Embora alguns estudos indiquem que possam atenuar de intensidade com o passar do tempo e que não estão associadas ao ajustamento psicológico nos anos posteriores (Kelly & Emery, 2003), outras investigações sugerem que o divórcio dos pais e a consequente nova família recasada pode influenciar as crianças positivamente nas suas vidas adultas (Booth, 1999).

Desta forma, as famílias intactas quando comparadas com as famílias recasadas apresentam mais recursos a nível do ambiente familiar (Chiu, 2007; Kim, 2004). Quando a variável recursos do ambiente familiar era controlada, as diferenças entre famílias com e sem história de divórcio e/ou recasamento são mínimas ou inexistentes (Ferreira & Barrera, 2010; Strohschein, 2005). Tendo em conta essa informação, torna-se clara a importância dos recursos do ambiente familiar para o ajustamento psicológico e para o desempenho académico de crianças, principalmente para as que passaram por situações familiares de divórcio e recasamento.

Várias pesquisas têm apontado a importância da qualidade da relação do pai com a criança para o seu ajustamento após o divórcio e o recasamento (Amato, Meyers, & Emery, 2009; Sandler, Miles, Cookston, & Braver, 2008). Assim sendo, é fulcral tentar manter a qualidade da relação do filho com ambos os pais após a separação conjugal (Grzybowski, 2011; Troilo & Coleman, 2012). A coparentalidade é considerada um fator fundamental no desenvolvimento da criança, visto que uma relação parental assente em conflitos incita problemas de foro comportamental e emocional, tanto em famílias com pais divorciados como em famílias intactas (McHale, Kuersten-Hogan, & Rao, 2004). Assim sendo, a coparentalidade acaba por ser um fator equilibrador e protetor no ajustamento psicológico da criança, visto que promove a sensação de um

ambiente seguro e, dessa forma, ajuda-a a autorregular-se, principalmente a nível emocional e comportamental (Jia & Shoope-Sullivan, 2012).

De acordo com Hetherington (2003), acontecimentos negativos associados às transições familiares (como a adaptação a um novo membro no caso do recasamento) parecem contribuir para que pais e mães empreguem práticas parentais coercivas e autoritárias, manifestem menos afeto, menos comunicação verbal e demonstrem ainda menos consistência nas práticas disciplinares (Amato, 2010; Cartwright, 2010; Potter, 2010; Vélez, Wolchik, Tein, & Sandler, 2011). Outros estudos apontam que as práticas parentais seriam os preditores principais do bem-estar emocional e da adaptação social e académica da criança com pais divorciados ou recasados (Dunn, 2002; Hetherington, 2003). No mesmo sentido, um estudo recente de Leme e Marturano (2014), onde investigaram os principais preditores de competências sociais, problemas de comportamento e competências académicas de crianças em famílias intactas, monoparentais e recasadas aquando a transição para o primeiro ano do ensino básico, as práticas parentais, positivas ou negativas revelaram-se como um forte preditor do ajustamento psicológico dos filhos.

Algumas investigações indicam que os padrastos revelam menor qualidade da parentalidade, com monitoramento menos eficaz e menor envolvimento (Fisher, Leve, O'Leary, & Leve, 2003). Os estudos sobre o vínculo materno com mães não-biológicas são escassos, mas indicam uma relação entre o estilo de vínculo materno, a qualidade do seu vínculo parental e o próprio estilo de vínculo das crianças, em amostras de mães adotivas e madrastas (Ceglian & Gardner, 2000; Verissimo & Salvaterra, 2006). Num estudo de Gosselin e Gosselin (2016), as madrastas demonstraram um bom nível de ajustamento psicossocial, incluindo poucos conflitos a nível da parentalidade e de coparentalidade, qualidade moderadamente elevada de vínculo materno e senso de competência parental. A qualidade do relacionamento das mães com os enteados foi marcada pela influência tanto do sentido mais elevado de eficácia parental como de conflitos de coparentalidade mais baixos. Na sua globalidade, estes resultados indicam que as mulheres que têm melhor relação de coparentalidade com o parceiro e que se sentem mais confortáveis no papel de madrastra podem construir um vínculo mais próximo com os enteados. Algumas investigações anteriores concluíram que as madrastas "bem-sucedidas" tinham maior qualidade conjugal e relacionamentos mais positivos com os enteados (Cartwright, 2005; Whiting, Smith, Barnett, & Gafsky, 2007), enquanto noutras, as mulheres que vivem em famílias recasadas têm sido

descritas como tendo níveis mais baixos de bem-estar e satisfação familiar, principalmente à medida que a família recasada se vai tornando mais complexa (Doodson & Davies, 2014; Dunn, Davies, O'Connor, & Sturgess, 2000; MacDonald & DeMaris, 1996).

Estudos mais antigos verificaram que os padrastos costumam ter menor ligação aos enteados do que os pais biológicos (Hetherington et al., 1992), mas há evidências mais recentes que a residência compartilhada pode complementar essa diferença (Hofferth & Anderson, 2003; Schmeeckle, 2007). Além disso, concluiu-se que os padrastos são mais eficazes a estabelecer laços próximos com seus enteados se inicialmente exprimirem comportamentos de suporte em vez de tentarem discipliná-los (Coleman, Fine, & Martin, 2001) e que as crianças mais novas e do sexo masculino parecem mais recetivas aos padrastos (Falci, 2006; Pasley & Garneau, 2012). Algumas investigações sobre as interações em famílias recasadas identificaram, por exemplo, que quando existe algum tipo de conflito entre a criança e o pai/mãe, o padrasto/madrasta pode ser uma espécie de escape para o stress e a ansiedade (Gosselin & David, 2007). Além disso, Fine, Coleman & Ganong (1997, 1998) concluíram que quando um padrasto/madrasta é afável e carinhoso pode ser considerado mais amigo e confidente do que o pai que habitualmente tem o dever de empregar disciplina. Estes processos de interação são mais prováveis em famílias constituídas por mãe e padrasto, presumivelmente porque os padrastos, comparativamente com as madrastas, tendem a passar mais tempo com os enteados(as), uma vez que, maioritariamente, as crianças em situação de divórcio parental residem de uma forma mais continuada com a mãe biológica. Por outro lado, numa família constituída por pai e madrasta, é mais esperado que a madrasta assuma um papel maternal, organizando a família e aplicando regras (Fine & Kurdek, 1992). Quando a comunicação com o padrasto/madrasta é aberta e pessoal, o enteado tem tendência a sentir-se mais satisfeito na família recasada, apesar das emoções negativas sobre o divórcio (Metts, Schrod, & Braithwaite, 2017).

### **O papel da empatia interpessoal**

A maioria dos investigadores concorda que a empatia consiste em duas facetas: uma cognitiva e uma emocional/afetiva (e.g., Blanke, Raters, & Riediger, 2016; Vagaroso, 2014). A empatia cognitiva consiste na inferência dos pensamentos e/ou

sentimentos dos outros, enquanto a empatia emocional ou afetiva é percebida como uma resposta afetiva a outra pessoa (Blanke et al., 2016). Assim sendo, distingue-se por ser uma forma complexa de inferência psicológica na qual a observação, a memória, o conhecimento e o raciocínio são articulados de forma a deter ou a suscitar *insights* acerca dos pensamentos e sentimentos dos outros. Não abarca apenas o reconhecimento e entendimento do estado emocional do outro, mas também uma experiência afetiva desse estado (Vagaroso, 2014).

A empatia interpessoal apesar de ser uma variável ainda não muito estudada no campo da parentalidade, principalmente em contexto de divórcio e recasamento, é entendida como contendo uma ligação com a mesma, especialmente por parte dos pais, mas também a subsequente empatia da criança (Cone, 2016). Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005) fizeram uma revisão da literatura existente acerca da empatia, com o principal objetivo de identificar possíveis relações entre empatia e agressividade. Os resultados apontaram para uma correlação inversa entre as duas variáveis, indicando que a existência de défices empáticos é um fator de risco para comportamentos antissociais, particularmente os agressivos.

Grünh, Diehl, Rebucal, e Lumley (2008) efetuaram um estudo longitudinal com o objetivo de perceber se a idade era um fator preditivo de mudanças na empatia auto-relatada, tendo concluído que pessoas com idade mais avançada mostravam pontuações mais baixas em empatia, e que maiores níveis educacionais revelaram níveis mais altos de empatia. Na comparação da tendência empática quanto ao sexo, os resultados de uma meta-análise realizada por Demir (2016) demonstraram que a diferença entre os níveis da propensão foi estatisticamente significativa, com vantagem para as mulheres, tanto na dimensão empática cognitiva como na emocional. As razões apontadas para que os níveis de empatia fossem mais elevados no sexo feminino prendem-se com diferenças de género, nomeadamente no facto de as mulheres, habitualmente, revelarem maior sensibilidade, devido ao processo de educação mais sensível e emocional das mulheres dentro da própria família.

Num estudo conduzido por Perez-Albeniz e De Paul (2004), verificou-se que uma das causas para atitudes desadequadas por parte dos pais, numa amostra de pais maltratantes, é a sua falta de empatia face à criança. Segundo os autores, as necessidades da criança entravam em conflito com as dos progenitores, originando um elevado grau de *stress* e irritação.

De acordo com Costa e Cruz (2012), ao estudarem a relação entre atitudes e estilos educativos de mães referenciadas como estando em risco de maltratar os filhos, a escolaridade das mães estava positivamente correlacionada com uma subescala referente à falta de empatia parental, apontando que os comportamentos se revelavam mais apropriados à medida que a escolaridade das mães aumentava. Além disso, o estilo educativo autoritário estava ligado a atitudes educativas menos adequadas em vários domínios, incluindo a empatia.

Manczak, DeLongis, e Chen (2016) verificaram que os pais que demonstram níveis elevados de empatia também possuem uma maior autoestima. Concluíram ainda, ao estudar os filhos adolescentes dos mesmos, que estes acabavam por ter comportamentos mais adaptativos, bem como benefícios emocionais e fisiológicos, decorrentes da abordagem empática dos pais. Noutra investigação realizada acerca da empatia e do comportamento pró-social de pais e pares, verificou-se que estas variáveis influenciavam diretamente e eram mediadoras relevantes da autoestima da criança (Laible, Carlo, & Roesch, 2004).

Guevara, Cabrera, Gonzalez, e Devis (2015) constataram que mães, quando comparadas aos pais, apresentavam níveis mais altos de empatia para com os filhos, e que existem relações diretas entre a disciplina indutiva dos pais, e a empatia e comportamento pró-social por parte da criança. As interações positivas com o cuidador, se este demonstrar ser sensível e afetuoso, potenciam o desenvolvimento de um sentido de segurança, tendo diversos resultados na criança, como uma atitude otimista face a eventos stressantes, um sentido de confiança na bondade dos outros e de autoeficácia face a eventos potenciadores de perigo ou *stress* (Mikulincer & Florian, 1998).

Os pais que interagem e exteriorizam uma atitude de suporte, compreensiva e de diálogo com os filhos, possibilitam que estes expressem as suas emoções de forma livre experimentando estratégias de regulação emocional. Por outro lado, os pais que minimizam ou inibem a expressão de emoções dos filhos exercendo algum controlo ou manifestando comportamentos demasiado protetores ou negligentes, impedem que as crianças experimentem estratégias de regulação emocional que lhes permitam um ajustamento emocional às situações quotidianas (Fox & Calkins, 2003).

Pais mais empáticos com os filhos proporcionam cuidados mais atentos (Dix, 1992; Soenens, Duriez, Vansteenkiste, & Goossens, 2007) e demonstram interações mais harmoniosas representadas por uma maior partilha de afeto (Kochanska, 1997). A parentalidade empática auxilia as crianças a desenvolver a capacidade de regulação



emocional (Field, 1994). As crianças com pais mais empáticos apresentam menores sintomas de internalização (e.g., depressão) e de externalização (e.g., agressividade), bem como maior empatia (Eisenberg, Fabes, Schaller, Carlo, & Miller, 1991), com efeitos de evidentes desde crianças pequenas a adolescentes (Soenens et al., 2007; Strayer & Roberts, 2004). Existem evidências de que os pais mais empáticos são mais atentos na percepção das aptidões dos seus filhos e mais qualificados para perceber e antecipar as suas necessidades. Tal pode permitir que os pais facilitem o desenvolvimento da autorregulação da criança, ao mesmo tempo que disponibilizam suporte (Fox & Calkins, 2003; Manczak et al., 2016).

Psicologicamente, ser empático pode proporcionar aos pais uma maior sensação de propósito, aumentando o seu próprio bem-estar (Steger, Kashdan, & Oishi, 2008; Manczak et al., 2016). Num estudo no qual se avaliou a empatia emocional e cognitiva percebida de ambos os pais, esta foi associada com níveis mais elevados de autoestima e narcisismo ajustado e menores níveis de depressão e narcisismo desajustado (Trumpeter, Watson, O'Leary, & Weathington, 2008).

Em amostras de pais por conjugalidade, a investigação desta variável é muito mais escassa, mas um estudo realizado por Higginbotham, Skogrand e Torres (2009) revelou que uma das principais capacidades desenvolvidas ao longo de um curso educativo para famílias em situação de recasamento foi a empatia ou, mais especificamente, compreender o ponto de vista das crianças. Os pais passaram a entender melhor como os seus filhos se sentiam ao serem membros de uma família recasada e, em muitos casos, fazendo parte de duas famílias distintas, mudando a forma como reagiam às diferentes situações que envolviam as crianças como, por exemplo, o facto de passarem a demonstrar mais apoio para com a relação das crianças com os pais biológicos, ou saberem lidar com a expressão de reações negativas por parte das crianças. Essas alterações acabaram por ajudar as crianças a lidar melhor com as diversas mudanças que experienciaram. Auxiliar os pais a tomar consciência do que as crianças estavam a passar contribuiu para um aumento da compreensão das mudanças e, como consequência, os pais passaram a fazer esforços deliberados para serem mais compreensivos e ajudar os filhos com as adaptações.

Além disso, atividades diádicas entre pais por conjugalidade e enteados abrem portas para que estes passem mais tempo a interagir diretamente, o que é fundamental para o desenvolvimento de uma relação de afinidade (Bell & Daly, 1996), e estes pais por conjugalidade têm mais probabilidade de ser empáticos e compreensivos com as

necessidades e interesses das crianças do que outros (Ganong & Coleman, 2016). Além disso, as crianças que percebem apoio por parte dos progenitores quando expostas a experiências negativas acabam por conseguir autocontrolar as suas emoções e reconhecer as emoções dos outros, conduzindo a comportamentos mais empáticos (Cecconello & Koller, 2000).

Desta forma pode-se indicar que a empatia, tanto da parte dos pais como da parte dos filhos, é um fator psicológico relevante para a qualidade da relação entre pais e filhos (Formiga, 2013), a qual inevitavelmente está associada modo como os pais reagem aos comportamentos dos filhos bem como ao ajustamento psicológico destes.

### **Ajustamento psicológico da criança e reatividade parental**

O recasamento pode ocasionar variadas alterações no comportamento das crianças a nível familiar e escolar, com a adaptação a novos membros na família e uma possível mudança de escola. Essas transições são mediadas por diferentes variáveis como as práticas parentais, conflito conjugal, idade, género e aptidões sociais da criança (Silva, Trindade, & Junior, 2012). Além disso, o casal em situação de recasamento entrega-se a desafios por ter de lidar com as exigências desta nova união e com a responsabilidade e cuidados dos filhos biológicos e enteados (King & Delongis, 2013).

Vários autores defendem que o facto de a criança coabitar com a mãe e com o padrasto ou com o pai e a madrasta não se relaciona, só por si, com maior ou menor bem-estar e ajustamento psicológico dos filhos. O que constitui um factor determinante é o desempenho dos papéis e a qualidade das relações existentes (Oliveira, Siqueira, Dell'Aglio, & Lopes, 2008). Num estudo conduzido por Grzybowski (2011), os indicadores de ajustamento psicológico das crianças estudados foram mais associados aos processos proximais (e.g., práticas parentais e qualidade da relação pais-filhos), comparando com a configuração familiar. Alguns investigadores (e.g., Amato, 2010; Lansford, 2009) que apoiam a ideia que o divórcio e o recasamento não afetam o desenvolvimento infantil por si só, defendem, contudo, que essas transições ampliam a probabilidade de os pais e as crianças se confrontarem com um conjunto de riscos inter-relacionados que têm tendência a deteriorar os processos familiares. Esses riscos são mediados e moderados por diferentes variáveis, como o tipo de configuração familiar, o tempo da transição, o estágio da família e de cada membro da família, o nível socioeconómico, conflito conjugal e práticas parentais, idade, género e temperamento

dos filhos e dos pais, entre outras. Note-se também que a qualidade da relação com os pais biológicos tem grande influência no ajustamento da criança ao recasamento de um ou ambos os pais (Dunn, 2002). É ainda de sublinhar que a presença de um padrasto ou madrasta na vida de uma criança que não mantenha nenhum tipo de relação com o pai e/ou mãe pode revelar-se um fator protetor no seu desenvolvimento (Schenck, Braver, Wolchik, Saenz, & Cooksto, 2009).

As crianças que experienciam o divórcio dos pais geralmente revelam mais problemas comportamentais, menor bem-estar psicológico, um autoconceito mais pobre, piores relações sociais e resultados académicos mais baixos em comparação a crianças de famílias intactas (Amato, 2001), e esses problemas têm tendência a piorar com as várias transições familiares (Amato & Sobolewski, 2001; Coleman, Ganong, Russell, & Fyre-Cox, 2015). Na mesma linha de pensamento, as crianças de famílias recasadas tendem a demonstrar mais comportamentos internalizantes e externalizantes (Coleman, Ganong, & Fine, 2000). Pesquisas que comparam a qualidade das relações entre pais e filhos em famílias intactas e famílias recasadas demonstraram relacionamentos mais pobres nas famílias recasadas (Fine, Voydanoff, & Donnelly, 1994), e que as relações entre o padrasto/madrasta e a criança são caracterizadas por menos proximidade e mais tensão em relação ao relacionamento biológico entre pais e filhos (DeLongis & Preece, 2002). Além disso, os pais por conjugalidade também podem ser vistos como estando em competição com pais biológicos, o que pode explicar o facto de que as relações entre madrastas e enteados/as enfrentam mais dificuldade do que, por exemplo, entre padrasto-enteado/a. Os relacionamentos entre madrasta-criança podem ser mais complexos porque as mães biológicas têm tendência a permanecer mais envolvidas nas vidas das crianças do que os pais biológicos, o que pode criar papéis conflituosos para as mães e madrastas (Ihinger-Tallman & Pasley, 1997).

Algumas investigações acerca da adaptação e reorganização das crianças à nova configuração familiar a que são expostas afirmam que estes processos podem variar entre dois a seis anos, originando redução de conflitos, estabelecimento de uma relação positiva entre os pais biológicos divorciados, a compreensão por parte das crianças das consequências desta separação nas suas vidas, e a aceitação das novas relações conjugais dos pais (Soares, 2009; Souza, 2000; Wagner & Féres-Carneiro, 2000).

Diversas investigações estudaram o ajustamento psicológico das crianças em situação de recasamento. De acordo com Steele, Sigle-Rushton, e Kravdal (2009), as

crianças de famílias reconstituídas apresentam mais dificuldades nos relacionamentos sociais, mais problemas de comportamento e resultados escolares mais baixos quando comparadas com crianças de famílias intactas. Jeynes (2006) defende que estas dificuldades demonstradas pelas crianças podem surgir quando têm de lidar, ao mesmo tempo, com mudanças no contexto familiar e com a entrada no ensino básico. Na mesma linha, Leme, Marturano, e Fontaine (2014), afirmaram que as crianças de famílias recasadas demonstraram mais problemas comportamentais a nível de hiperatividade e menos capacidades sociais ao nível da amabilidade e autocontrolo. Ainda, Anderson e Greene (2013) concluíram que o recasamento tem um efeito nocivo imediato e momentâneo sobre as crianças, o que é explicado sobretudo pelo facto de não quererem aceitar a nova relação da mãe e/ou do pai devido à lealdade que sentem para com o outro progenitor (Jensen & Shafer, 2013). Diferentes estudos demonstraram, ainda, que existe maior probabilidade de as crianças que vivem em famílias reconstituídas venham a experienciar problemas de ajustamento psicológico, social, comportamental, académico e emocional (Cheng, Dunn, O'Connor, & Golding, 2006; Dunn, 2002; Ganong & Coleman, 2004).

Por outro lado, existem investigações que defendem outra linha de pensamento. Por exemplo, Boas e Bolsoni-Silva (2010) defenderam que, várias vezes, a harmonia conjugal da mãe com o novo parceiro traz consequências positivas como torná-la mais atenta, amável e calorosa com os filhos. É possível que o aumento da satisfação conjugal que ocorre nos primeiros anos do recasamento, chamada fase de lua-de-mel (Hetherington, 1993), contribua para o estabelecimento de interações mais afetivas entre as mães e os filhos, o que poderá, por sua vez, influenciar positivamente o desenvolvimento de competências sociais das crianças (Leme & Marturano, 2014). Também segundo Leme et al. (2014), o esforço por parte da madrasta/padrasto em conquistar a confiança da criança pode influir de forma positiva na relação de casal e, consequentemente, a maior disponibilidade afetiva dos pais e dos parceiros interfere no comportamento da criança, fazendo com que esta se manifeste mais cooperativa e controlada perante emoções negativas, havendo tendência a suprimir discussões no ambiente familiar, bem como um esforço geral com vista ao bem-estar e a boas relações (Costa & Dias, 2012).

No entanto, crianças de todas as idades experienciam emoções negativas no seu quotidiano. Wagner (2002) verificou que a família, independentemente da sua configuração – intacta, monoparental, reconstruída – é onde se experienciam as

emoções mais fortes e basilares, seja positiva ou negativamente. A forma como os pais respondem e reagem perante essas emoções, particularmente as negativas (i.e., a reatividade parental) é um fator fundamental para treinar a regulação e expressão emocional das crianças (Tao, Zao, & Wang, 2010). Os investigadores geralmente concordam que as respostas dos pais às emoções das crianças são um método primário de socialização emocional (Eisenberg, Cumberland, & Spinrad, 1998; Morris et al., 2002). As reações parentais às emoções das crianças e a sua influência variam de acordo com a idade da criança e a natureza da situação emocional envolvida. Os meios através dos quais os pais regulam as emoções dos seus filhos, em idades mais tenras podem dizer respeito ao cuidar emocional ou responsividade enquanto em idades pré-escolares ou escolares poderão incorporar atitudes parentais de conforto, discussão dos sentimentos e emoções, e desenvolvimento de estratégias de *coping* adaptativas (Eisenberg et al., 2004).

Entre os 6 e os 12 anos, no período escolar, surgem várias transformações, de ordem cognitiva, emocional e relacional que vão ter um impacto profundo em todo o sistema de vinculação (Dwyer, 2005; Raikes & Thompson, 2005). É, então, essencial que os pais estejam disponíveis quando os filhos solicitam e precisam de proteção face a estados de inquietação e *stress* (Parke & Buriel, 2006), permanecendo como o maior centro de suporte emocional, instrumental e informacional (Pereira, Canavarro, Mendonça, & Cardoso, 2005). Apesar de as aprendizagens cognitivas da criança no período escolar possibilitarem uma maior compreensão de si, dos outros, e do mundo à sua volta, melhorando as capacidades sociais e o raciocínio moral (Mayseless, 2005), e levando a que haja uma maior regulação emocional e autonomia emocional face aos pais (Raikes & Thompson, 2005), os progenitores continuam a desempenhar um papel fundamental no auxílio emocional dos filhos. A responsividade e acessibilidade da figura de vinculação passam a ser mais valorizadas do que a sua presença (Soares, 2007).

Os problemas a nível da regulação de emoções têm sido associados a uma variedade de resultados negativos para as crianças, como problemas sociais e comportamentais (Eisenberg, Fabes, Guthrie, & Reiser, 2000). A reação dos pais às emoções negativas dos filhos afeta a capacidade de autorregulação destes (Eisenberg et al., 1998). Os pais que têm tendência a ser positivos e apoiantes quando as crianças experienciam emoções negativas, auxiliam-nas a gerir a sua aflição e a lidar com o sucesso em situações de *stress*, o que pode promover o desenvolvimento de aptidões

sociais e diminuir as expectativas negativas acerca das interações sociais. Além disso, os pais que educam os filhos quanto à resolução de problemas quando estes expõem emoções negativas, têm tendência a estimular o desenvolvimento de capacidades particulares que contribuem para gerir a experiência e a expressão de emoções negativas (Jones, Eisenberg, Fabes, & MacKinnon, 2002).

Gottman, Katz e Hooven (1997) defenderam que as crianças cujos pais aceitam e falam sobre emoções são mais propensos a desenvolver um entendimento e aceitação da emoção que coopera na regulação fisiológica da emoção, propiciando o seu ajustamento psicológico. No mesmo sentido, Buck (1984) afirmou que as crianças punidas por manifestar emoções negativas associarão a experiência de emoções negativas com sanções negativas.

Tal como relatado por Roberts (1999) no "modelo de processamento cognitivo-emocional", a ausência de reação por parte dos pais à expressão emocional dos filhos pode relacionar-se negativamente com a competência emocional das crianças, privando-as da orientação que necessitam para entenderem a situação e regular as emoções. Shaw e colaboradores (2006) também supõem que ignorar as respostas das crianças pode contribuir para problemas de internalização e externalização. Do ponto de vista da criança, esse tipo de atitude pode ser entendida como uma falta de resposta, e desta forma, uma criança que se exprima emocionalmente, ao ser ignorada pelos pais pode achar que os pais não estão a entender a sua emoção, e podem interpretar tal atitude como uma indução para aumentar a intensidade da sua expressividade (Campos, Mumme, Kermoian, & Campos, 1994). Ignorar pode, assim, ser transtornante para a competência socioemocional em desenvolvimento das crianças, privando-as do feedback que necessitam para entender as emoções ou as situações que as suscitam (Roberts, 1999). Estas ideias vão de encontro aos resultados de um estudo conduzido por Mirabile (2015), onde se concluiu que a falta de resposta dos pais se correlacionava positivamente com a labilidade e raiva/agressão das crianças. Ainda, essas relações foram entendidas como sendo bidirecionais, ou seja, a ausência de resposta dos pais tanto era uma resposta como uma causa da pobre competência emocional das crianças.

Num estudo conduzido por Jones (2002), os resultados indicaram que algumas reações parentais (focadas no problema e punitivas, ou minimizadoras) estavam linearmente relacionadas com os resultados das crianças. Verificaram que confortar e consolar podem não ser estratégias adaptativas para os pais usarem com crianças em idade escolar que apresentem reações emocionais mais frequentemente, uma vez que

estas devem ser capazes de controlar o *stress* e as suas emoções negativas na escola sem o benefício do conforto parental. Se os pais ajudam estas crianças a reduzir a sua excitação através do constante consolo e conforto, os filhos podem tornar-se menos propensos a aprender maneiras de reduzir a sua própria excitação negativa rapidamente. Por outro lado, as reações parentais punitivas perante emoções negativas das crianças podem levar a que, com o passar do tempo, as crianças comecem a esconder os seus sentimentos negativos. O apoio dos pais, a discussão e as atitudes no sentido da resolução de problemas têm tendência a fomentar a regulação da experiência ou expressão de emoção negativa por parte das crianças e a sua competência socioemocional (Jones et al., 2002).

Metts e colaboradores (2013) descobriram que as crianças pertencentes a famílias recasadas escolhiam frequentemente não expressar as suas emoções, principalmente as negativas, o que podia funcionar para manter a paz, mas apresentava consequências ao bem-estar e para os relacionamentos com os pais e com os padrastos e madrastas.

As crianças que experienciaram o divórcio dos pais e que passaram a fazer parte de famílias recasadas são constantemente desafiadas a cruzar o contexto familiar antigo com o atual (Braithwaite, Toller, Daas, Durham, & Jones, 2008; Schrodts & Afifi, 2007; Speer & Trees, 2007), interagindo com os pais e com todos os outros adultos envolvidos tanto na família biológica como na família recasada (Braithwaite, McBride & Schrodts, 2003), e experienciam uma série de emoções e decisões acerca de expressarem, ou não, os seus sentimentos e, se sim, para quem (Kelly & Emery, 2003; Metts et al., 2013; Wilkes & Fromme, 2002). O resultado desta complexa viagem, se for bem-sucedida, é a sensação de se sentirem parte da nova família e experienciarem bons laços, apoio e aceitação (Mirabile, 2015).

## **Metodologia<sup>5</sup>**

### **Abordagem Metodológica e Desenho do Estudo**

O presente estudo consolida-se numa visão ontológica de realismo crítico na qual a realidade é imperfeita e inacabável, perceptível apenas de forma idêntica devido a lacunas incontornáveis do ser humano e à complexidade dos factos (Guba & Lincoln, 1994), podendo afirmar-se que se enquadra no paradigma pós-positivista. Além disso, o desenho metodológico é exploratório transversal, através de uma abordagem metodológica quantitativa.

### **Objetivos e Questões Exploratórias de Investigação**

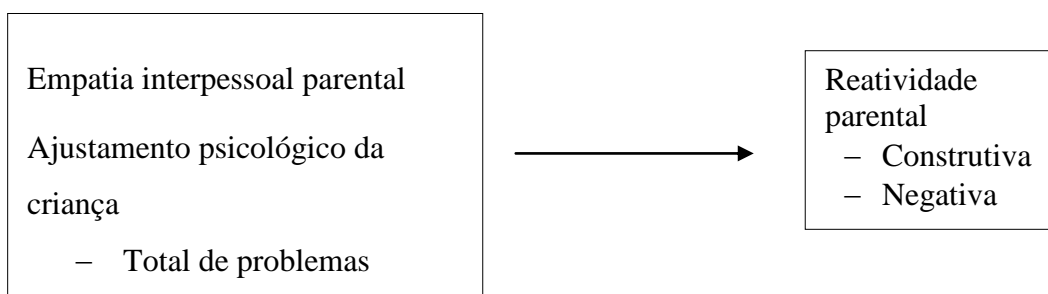
#### **Objetivos.**

Procura-se, no presente estudo, compreender a relação entre empatia interpessoal dos pais, ajustamento psicológico dos filhos e reatividade parental construtiva e negativa em contexto de recasamento, analisando as diferenças entre estas variáveis em pais por conjugalidade e pais biológicos (ver Figura 1 relativa ao mapa conceptual).

---

<sup>5</sup> O presente estudo, enquadrado numa investigação mais vasta sobre a parentalidade e divórcio orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso, foi aprovado pela Comissão de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa em 2015.





*Figura 1.* Mapa conceitual das variáveis independentes em estudo e a sua influência na variável dependente: influência da empatia interpessoal parental e percepção do ajustamento psicológico da criança (total de problemas) na reatividade parental (construtiva e negativa).

Foram definidos os seguintes objetivos específicos: (1) comparar as variáveis empatia interpessoal, reatividade parental dos pais, e ajustamento psicológico da criança em pais por conjugalidade e pais biológicos, em contexto de recasamento; (2) analisar a relação entre as variáveis descritas; (3) analisar os contributos do sexo dos filhos, tipo de parentalidade (por conjugalidade vs. biológica), empatia interpessoal e ajustamento psicológico da criança para a reatividade parental.

### **Questões Exploratórias de Investigação.**

Dada a escassez da literatura empírica, tanto quanto é do nosso conhecimento, focada na avaliação da empatia interpessoal dos pais e das reações parentais às emoções negativas dos filhos no âmbito da parentalidade por conjugalidade, optámos, no presente estudo, por colocar questões exploratórias de investigação ao invés de hipóteses, as quais a seguir se apresentam.

- Pais por conjugalidade e pais biológicos em contexto de recasamento diferenciam-se relativamente a empatia interpessoal, reações às emoções negativas dos filhos e percepção do ajustamento psicológico dos filhos? (Q1)
- Quais as associações entre empatia interpessoal, reações às emoções negativas dos filhos e percepção do ajustamento psicológico dos filhos,

considerando o grupo de pais por conjugalidade e o grupo de pais biológicos em contexto de recasamento? (Q2)

- Qual o contributo de sexo da criança, tipo de parentalidade (por conjugalidade vs. biológica), empatia interpessoal dos pais e ajustamento psicológico dos filhos para a reação dos pais às emoções negativas dos filhos? (Q3)

## **Participantes**

No presente estudo, a amostra incluiu 122 participantes, 80 pais biológicos (65,6%) e 42 pais por conjugalidade (34,4%). Os critérios de inclusão na participação do estudo eram: (1) estar em situação de recasamento; (2) ter um ou mais filhos biológicos e/ou por conjugalidade entre os 6 e os 12 anos.

No que diz respeito à amostra de pais biológicos, a maioria dos participantes era do sexo feminino ( $n = 45$ ; 56.3%), e tinham idades compreendidas entre os 28 e os 59 anos ( $M = 41$ ;  $DP = 6.26$ ). A zona de residência dos participantes era maioritariamente a Grande Lisboa (91,1%) e a escolaridade entre 7 a 9 anos (33,8%) ou entre 10 e 12 anos (30%). A situação laboral atual pautava-se por maioria trabalhar por conta de outrem (91,1%) e trabalhar a tempo inteiro (97,3%). Quanto à situação conjugal atual, maioria encontrava-se em coabitação conjugal (i.e., viver junto) (75%). Ainda, a maioria nunca teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico no passado (78,5%), assume-se como crente a nível religioso (73,8%), e tinha entre 1 e 5 filhos ( $M = 2.28$ ;  $DP = .72$ ). Quanto ao filho sobre o qual responderam (i.e., filho alvo), maioria das crianças eram do sexo feminino (54,7%), tinham idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos ( $M = 9,30$ ;  $DP = 2.40$ ) e não tinham qualquer tipo de apoio técnico (78,2%).

Relativamente à amostra de pais por conjugalidade, a maioria dos participantes era do sexo feminino ( $n = 28$ , 66,7%), e as suas idades variavam entre os 29 e os 53 anos ( $M = 39.50$ ;  $DP = 6.41$ ). Quanto à escolaridade, grande parte completou entre 10 a 12 anos (35,7%) ou ensino superior (28,6%). No que respeita à situação laboral atual maioria dos participantes trabalhavam por conta de outrem (78,6%) e eram trabalhadores a tempo inteiro (97%). Os participantes tinham entre 1 e 5 filhos ( $M = 2.17$ ;  $DP = 1.21$ ), a maioria coabitava conjugalmente (90,5%), nunca teve

acompanhamento psicológico ou psiquiátrico (85,7%), e assumiu-se como crente a nível religioso (64,3%). Quanto ao filho alvo, a maioria era do sexo feminino (53,7%), tinha entre 6 e 12 anos ( $M = 9.39$ ;  $DP = 2.06$ ), e não tinha qualquer tipo de apoio técnico (71,4%).

## **Procedimento de recolha de dados**

Os dados da amostra foram recolhidos pela equipa de investigação do projeto de investigação em causa. A amostra foi de conveniência, empregando-se o método bola-de-neve a partir das redes pessoais e profissionais dos investigadores envolvidos. O protocolo foi disponibilizado em papel e *online* na plataforma Qualtrics, mas a maioria dos participantes respondeu em papel. O protocolo compreendia, para além dos questionários, um questionário sociodemográfico, consentimento informado, informações e esclarecimentos sobre o estudo, contato de *email* do projeto de investigação (para dúvidas e/ou questões referentes ao projeto) e advertência acerca da possibilidade de recorrerem à consulta de apoio psicológico no Serviço à Comunidade da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

## **Instrumentos e Variáveis em Estudo**

**Variáveis sociodemográficas:** O presente estudo dispõe de um Questionário Sociodemográfico composto por questões que pretendem recolher informações acerca do participante e os seus filhos, tais como o sexo, idade, escolaridade, situação profissional, situação conjugal atual e passada, agregado familiar, acompanhamento psicológico ou psiquiátrico, religiosidade, família de origem, filiação de cada criança, sexo e idade dos filhos, situação financeira, entre outras.

**Empatia interpessoal dos pais:** esta variável foi avaliada através do *Índice de Reatividade Interpessoal* – IRI (Davis, 1983; Versão Portuguesa: Limpo, Alves & Castro, 2010). Esta escala é composta por 24 itens e as respostas são dadas através de uma escala de Likert entre 1 e 5, em que 1 significa “Não me descreve bem” e 5 significa “Descreve-me muito bem”. A escala organiza-se em quatro subescalas: Tomada de Perspetiva, que caracteriza a tendência para entender os pontos de vista do outro (e.g., *antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar*); Preocupação Empática, que avalia a capacidade de experienciar sentimentos

de compaixão e preocupação pelo outro (e.g., *quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger*); Desconforto Pessoal, que mede sentimentos de ansiedade, apreensão e desconforto em contextos interpessoais tensos (e.g., *estar numa situação emocional tensa assusta-me*); e Fantasia, que avalia a tendência da pessoa para se colocar em situações fictícias (e.g., *facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance*). Na adaptação para a população portuguesa, a escala de consistência interna apresenta valores de *alfa de Cronbach* de 0.74 para a dimensão Tomada de Perspetiva, de 0.77 para a de Preocupação Empática, 0.81 para a de Desconforto Pessoal e de 0.83 para a de Fantasia.

No presente estudo, foram apenas utilizadas as subescalas Tomada de Perspetiva (relacionada com a empatia cognitiva) e Preocupação Empática (ligada à empatia emocional), subsequentemente agrupadas como medida da Empatia, sendo o seu índice de consistência interna sólida, com o valor de *alpha de Cronbach* de .82.

**Ajustamento Emocional dos Filhos:** para analisar esta variável, foi utilizado o *Strengths and Difficulties Questionnaire - SDQ-Por* (Goodman, 2001; Versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005). Este questionário pretende avaliar questões comportamentais, emocionais e relacionais de crianças/adolescentes dos 4 aos 16 anos. É uma escala constituída por 25 itens, os quais são respondidos numa escala de tipo Likert de 3-pontos (0 – “Não é verdade”, 1 – “Pouco Verdade” e 2 – “Muito verdade”). A escala compreende cinco dimensões: Comportamento Pró-Social, Problemas com os Pares, Hiperatividade, Problemas de Comportamento e Sintomas Emocionais. O somatório destas dimensões (exceto a dimensão do Comportamento Pró-Social, e.g., “*É sensível aos sentimentos dos outros*”) resulta na dimensão global que indica o Total de Problemas (e.g., “*Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras*”). Além disso, o somatório das dimensões Hiperatividade e Problemas de Comportamento origina a dimensão relativa a Problemas de Externalização (e.g., “*Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos*”), e o somatório das dimensões Sintomas Emocionais e Problemas com os Pares resulta numa dimensão referente a Problemas de Internalização (e.g., “*Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho(a)*”). No presente estudo apenas foi utilizada a dimensão referente ao Total de Problemas e, desta forma, o seu índice de consistência interna traduzido pelo valor de *alpha de Cronbach* obtido foi .83.

**Reatividade parental:** para avaliar a reatividade parental foi usada a *Coping With Children's Negative Emotions Scale* – CCNES (Fabes, Eisenber & Bernzweig, 1990; Versão Portuguesa: Alves & Cruz, 2011) que permite avaliar a meta-emoção parental e a percepção dos pais sobre as suas reações face a situações em que os filhos manifestam emoções negativas. Cada uma das situações tem várias possibilidades de resposta que devem ser avaliadas pelos pais numa escala entre 1 (Nada provável) a 7 (Muito provável), e estas reações parentais dispõem-se em seis subescalas: Reações Centradas no Problema (auxiliam a criança a lidar com as emoções centrando-se no problema que as originou, e.g., “*Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga, e depois fica chateado, eu ajudo-o a pensar como é que pode arranjar a bicicleta*”), Reações Centradas nas Emoções (apoiam a criança a descobrir estratégias para lidar com o que sente, e.g., “*Se o meu filho se zanga porque está doente ou se magoou e não pode ir a uma festa de anos, eu acalmo-o, faço alguma coisa divertida para que se sinta melhor*”) e Reações de Encorajamento Expressivo (equivalem a comportamentos de incitamento da expressão emocional negativa da criança, e.g., “*Se o meu filho perde uma coisa de que gosta muito e reage a chorar, eu digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos tristes*”), que pertencem à Escala das Respostas Parentais Construtivas. Por outro lado temos as subescalas Reações de Minimização (demonstra a desvalorização ou depreciação da reação emocional ou do problema que a ocasionou, com objetivo à limitação da expressão emocional, e.g., “*Se o meu filho tem medo de injeções e fica trémulo e a chorar antes de apanhar uma, eu digo-lhe para ele não dar muita importância à injeção*”), Reações Punitivas (abrangem a punição verbal ou física da criança pela manifestação de uma emoção com o propósito de a reprimir, e.g., “*Se o meu filho está muito assustado e não consegue ir dormir depois de ter visto um filme de terror, eu digo-lhe para ir para a cama que não o deixo ver mais televisão*”) e Reações de Aborrecimento (afiguram o próprio incómodo e perturbação dos pais perante a manifestação de emoções negativas da criança, e.g., “*Se o meu filho é tímido e fica amedrontado, chora e quer ficar no quarto sempre que recebemos visitas em casa, eu sinto-me desconfortável e aborrecido(a) por causa da reação dele*”), que equivalem à Escala das Respostas Parentais Negativas.

No presente estudo, quanto ao índice de consistência interna das escalas, os valores de *alpha* de Cronbach obtidos para a Escala das Respostas Parentais Negativas foi .91, e para a Escala das Respostas Parentais Construtivas foi .96.

## Procedimento de análise de dados

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 24.0 (IBM, SPSS Inc., Armonk, NY). Inicialmente foi desenvolvida a análise das frequências e estatísticas descritivas dos dados (médias e desvios-padrão), tendo sido feita uma comparação de médias através do teste de diferenças médias de *T-Student*. Esta abrangeu as variáveis da empatia interpessoal dos pais, a reatividade parental, e o ajustamento psicológico das crianças.

Posteriormente, foi também executada a análise do padrão de correlações entre as variáveis em estudo a partir do coeficiente de *Pearson*.

Com o objetivo de testar o contributo das variáveis independentes escolhidas (sexo dos filhos, tipo de parentalidade (pais por conjugalidade vs. pais biológicos), empatia interpessoal dos pais e ajustamento psicológico da criança – total de problemas) para as reações parentais positivas e negativas (variáveis dependentes), foram realizadas duas Regressões Múltiplas Hierárquicas. A inserção das variáveis independentes na equação seguiu uma ordem específica, sendo avaliado o que cada uma destas variáveis acrescenta à predição da variável dependente, depois de controladas as variáveis antecedentes (Pallant, 2005).

## **Resultados**

### **Comparação de médias**

Efetuaram-se dois *testes-t* para amostras independentes de modo a comparar as amostras de pais biológicos e pais por conjugabilidade (ambas em situação de recasamento) relativamente ao total de problemas, isto é, ao ajustamento psicológico dos filhos, às reações parentais construtivas e reações parentais negativas, e à empatia interpessoal dos pais. Como se pode observar na Tabela 1, ao comparar as subamostras de pais biológicos com pais recasados, existem diferenças significativas no total de problemas, referente ao ajustamento psicológico da criança, sendo encontrados valores médios mais elevados na subamostra de pais por conjugabilidade.

**Tabela 1**

*Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias em função da configuração familiar do participante.*

	Pais biológicos			Pais por conjugalidade		Diferenças entre grupos	
	Amplitude	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Empatia Interpessoal parental	2.78	3.80	.65	3.69	.52	.96	.34
<i>Reações Parentais</i>							
Reações Parentais Construtivas	5.67	5.19	.99	4.92	1.14	1.31	.19
Reações Parentais Negativas	3.71	3.25	.92	3.18	.83	.36	.72
Total de problemas	1.35	1.46	.26	1.57	.30	-2.07	.04



## **Análise de correlações**

Nas tabelas 2 e 3, podem-se observar os valores das correlações entre as variáveis analisadas. Na amostra de pais biológicos, os resultados indicam que a variável empatia interpessoal tem correlações positivas e fortes com as reações parentais construtivas, positivas e moderadas com o total de problemas, e correlações negativas e fortes com as reações parentais negativas. Além disso, indicam ainda que a variável reações parentais negativas tem correlações negativas e fortes com a variável reações parentais construtivas. Entre as variáveis reações parentais negativas e total de problemas não foram encontradas correlações significativas, tal como entre as variáveis reações parentais construtivas e total de problemas. Na amostra de pais por conjugalidade, a empatia interpessoal apresentou correlações moderadas e positivas com as reações parentais construtivas, e correlações moderadas e negativas com as reações parentais negativas. Por outro lado, as relações entre as variáveis empatia interpessoal e total de problemas, reações parentais construtivas e total de problemas, e reações parentais negativas e total de problemas não se revelaram significativas para esta amostra.

**Tabela 2**

*Matriz de correlações entre as variáveis em estudo na amostra de pais biológicos*

<b>Variável</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>1.</b> Empatia interpessoal	--			
<b>2.</b> Reações parentais construtivas	.65**	--		
<b>3.</b> Reações parentais negativas	-.57**	-.65**	--	
<b>4.</b> Total de problemas	.38**	.22	-.15	--

*Nota.* \* $p < 0.05$ . \*\*  $p < 0.01$ .

**Tabela 3**

*Matriz de correlações entre as variáveis em estudo na amostra de pais por conjugalidade*

<b>Variável</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
<b>1.</b> Empatia interpessoal	--			
<b>2.</b> Reações parentais construtivas	.39*	--		
<b>3.</b> Reações parentais negativas	-.34*	-.08	--	
<b>4.</b> Total de problemas	.10	-.12	-.16	--

*Nota.* \* $p < 0.05$ . \*\*  $p < 0.01$ .

## **Análise de regressões lineares múltiplas hierárquicas**

Foram executadas duas regressões múltiplas hierárquicas para analisar o contributo das variáveis independentes escolhidas (sexo do filho alvo, empatia interpessoal dos pais, total de problemas, configuração familiar) nas variáveis dependentes (reações parentais negativas e reações parentais construtivas).

Na primeira análise de regressão, a variável dependente diz respeito às reações parentais negativas (Tabela 4). Num primeiro bloco (modelo 1), foi colocada a variável independente sexo do filho alvo, e no segundo bloco (modelo 2) foram adicionadas as restantes variáveis independentes (empatia interpessoal, total de problemas e configuração familiar), de forma a ser possível controlar o que cada uma delas acrescenta como contributo à variável dependente, depois de controladas as anteriores. O modelo relativo ao primeiro bloco explica 4% da variância da variável dependente ( $R^2 = .004$ ). Após serem introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo passou a explicar 22.8% da variância das reações parentais negativas ( $R^2 = .228$ ). Quando a variável do primeiro bloco foi controlada, o segundo modelo passou a explicar mais 18.8% desta variância. Assim, a partir da análise de regressão, podemos observar que existe uma variável que contribui significativamente para a variância da variável dependente estudada (reações parentais negativas): a empatia interpessoal ( $\beta = -.50$ ).

Na segunda análise de regressão, no que respeita à variável dependente reações parentais construtivas (Tabela 5), no primeiro bloco (modelo 1) foi igualmente colocada a variável independente sexo do filho alvo e, no segundo bloco (modelo 2), foram adicionadas as restantes variáveis independentes (empatia interpessoal, total de problemas e configuração familiar). O modelo relativo ao primeiro bloco explica 19% da variância da variável dependente ( $R^2 = .019$ ). Após serem introduzidas as variáveis do segundo bloco, o modelo passou a explicar 30.2% da variância das reações parentais construtivas ( $R^2 = .302$ ). Quando as variáveis do primeiro bloco foram controladas, o modelo 2 passou a explicar mais 11.2% da variância da variável dependente. Através desta análise de regressão, podemos observar que a empatia interpessoal ( $\beta = .58$ ) contribui significativamente para a variância da variável reações parentais construtivas.

**Tabela 4**

*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Reações Parentais Negativas*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	$\beta$	t	Sig
Modelo 1					
Sexo do filho alvo	.11	.18	.06	.64	.52
Modelo 2					
Sexo do filho alvo	-.00	.17	.00	-.00	.99
Empatia interpessoal	-.72	.14	-.50	-5.03	.00
Total de problemas	.30	.30	.10	1.00	.32
Divorciados recasados vs. Pais por conjugalidade	-.16	.17	-.09	-.95	.35

Nota. EP = Erro padrão; \*\*  $p \leq .001$ . \*  $p \leq .01$ . \*  $p < .05$ .

**Tabela 5**

*Análise de Regressão Múltipla Hierárquica para a Variável Dependente Reações Parentais Construtivas*

Variáveis	Coeficientes não estandardizados		Coeficientes estandardizados		
	B	EP	$\beta$	t	Sig
Modelo 1					
Sexo do filho alvo	-.29	.21	.14	-1.38	.17
Modelo 2					
Sexo do filho alvo	-.09	.18	-.04	-.48	.63
Empatia interpessoal	1.03	.16	.58	6.38	.00
Total de problemas	-.49	.34	-.14	-1.47	.15
Pais biológicos vs. Pais por conjugalidade	-.12	.18	-.06	-.67	.51

Nota. EP = Erro padrão; \*\*  $p \leq .001$ . \*  $p \leq .01$ . \*  $p < .05$

## Discussão

O presente estudo teve como objetivo central analisar a relação entre variáveis individuais (empatia interpessoal dos pais), parentais (reatividade parental às emoções negativas dos filhos) e da criança (ajustamento psicológico) em contexto de recasamento, explorando as diferenças entre estas variáveis em pais por conjugalidade e pais biológicos. Como tal, e tendo em conta a escassez de literatura empírica focada na avaliação da empatia interpessoal dos pais e das reações parentais às emoções dos filhos no âmbito da parentalidade por conjugalidade, colocámos três questões exploratórias de investigação.

Na primeira questão, procurámos compreender se pais por conjugalidade e pais biológicos em contexto de recasamento se diferenciam relativamente a empatia interpessoal, reações às emoções negativas dos filhos e perceção do ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas). Os resultados demonstraram que, ao comparar as subamostras, os pais por conjugalidade apresentaram valores médios mais elevados na perceção do ajustamento psicológico dos filhos, especificamente quanto ao total de problemas.

De facto, como vimos, o divórcio é um evento stressante que implica mudanças e adaptações, e as crianças que passam pelo divórcio dos pais têm tendência a ter níveis de saúde física e psicológica mais baixos, adaptação desajustada, baixos rendimentos académicos, comportamentos de risco, e a experienciar mal-estar psicológico (Nunes-Costa et al., 2009), revelando também mais problemas comportamentais, um autoconceito mais pobre, e piores relações sociais em comparação a crianças de famílias intactas (Amato, 2001), problemas esses que têm tendência a piorar com as várias transições familiares (Amato & Sobolewski, 2001; Coleman et al., 2015). Como tal, as crianças de famílias recasadas tendem a demonstrar mais comportamentos internalizantes e externalizantes (Coleman et al., 2000).

Desta forma, uma das razões que possivelmente justifica este resultado poderá ser o facto das crianças pertencentes a famílias recasadas demonstrarem mais problemas de ajustamento psicológico perante os pais por conjugalidade do que na presença dos pais biológicos. Tal como alguns estudos concluíram, o recasamento pode ter um efeito prejudicial momentâneo sobre as crianças, o que é justificado principalmente pelo facto de se recusarem a aceitar a nova relação da mãe e/ou do pai devido à lealdade que sentem para com o outro progenitor biológico (Anderson & Greene, 2013; Jensen &

Shafer, 2013). Assim sendo, as crianças podem demonstrar-se mais insensíveis, inquietas, ansiosas e nervosas na presença do padrasto e/ou madrasta.

Outra explicação pode prender-se com a possibilidade de os pais por conjugalidade conseguirem ter uma visão e percepção mais realista e/ou um maior sentido crítico dos filhos (enteados) do que os pais biológicos. Estudos que confrontam a qualidade das relações entre pais e filhos de famílias intactas e famílias recasadas evidenciaram relacionamentos mais pobres nas famílias recasadas (Fine et al., 1994), e relações entre pais por conjugalidade e crianças menos próximas e mais tensas em relação ao relacionamento biológico entre pais e filhos (DeLongis & Preece, 2002). Assim, os pais por conjugalidade acabariam por assumir uma posição mais exterior, fria e observadora, e, conseqüentemente, conseguindo atentar certos detalhes não apreendidos pelos pais biológicos.

Os resultados podem ainda indicar que estas crianças têm tendência a demonstrar mais problemas perante os pais por conjugalidade do que perante os pais biológicos, devido ao facto dos pais biológicos habitualmente serem vistos como figuras de maior autoridade, disciplinadoras e firmes, tal como algumas investigações em contexto de recasamento demonstraram, constatando que quando existem conflitos entre a criança e o pai/mãe biológicos, os pais por conjugalidade podem ser uma espécie de refúgio para o *stress* e ansiedade (Gosselin & David, 2007), e que quando um padrasto/madrasta é afável e carinhoso pode ser visto como um companheiro e confidente comparando com o pai biológico que habitualmente assume mais claramente a função de disciplinar (Fine et al., 1997, 1998). Também o estudo de Gosselin e Gosselin (2016) constatou que a qualidade do relacionamento das madrastas com os enteados foi marcada pela influência do sentido elevado de eficácia parental e por conflitos de coparentalidade mais baixos, indicando que as mulheres que têm melhor relação de coparentalidade com o parceiro e que se sentem mais confortáveis no papel de madrasta podem construir um vínculo próximo com os enteados. Desta forma, vários investigadores (e.g., Amato, 2010; Lansford, 2009) apoiam a ideia que o divórcio e o recasamento não afetam o desenvolvimento infantil por si só, e que os riscos que os pais e as crianças se confrontam são mediados e moderados por diferentes variáveis (e.g., tempo da transição, o estágio da família e de cada membro, conflito conjugal e práticas parentais, temperamento dos filhos e dos pais). Além disso, a qualidade da relação com os pais biológicos tem grande influência no ajustamento da criança ao recasamento de um ou ambos os pais (Dunn, 2002). Considerando estas afirmações, seria importante, em



futuros estudos, ter em conta outras variáveis, tanto sociodemográficas, como pessoais e parentais.

Com a segunda questão, pretendemos saber quais as associações entre empatia interpessoal dos pais, reações às emoções negativas dos filhos e percepção do ajustamento psicológico dos filhos, considerando o grupo de pais por conjugalidade e o grupo de pais biológicos em contexto de recasamento.

Os resultados mostraram que as variáveis reatividade parental construtiva e negativa não apontaram associações significativas com o total de problemas da criança, tanto no grupo de pais biológicos como no grupo de pais por conjugalidade. Desta forma, este ponto não vai de encontro ao que as investigações nestes parâmetros apontam ao defenderem que a forma como os pais desempenham os seus papéis é determinante para o bem-estar e ajustamento psicológico dos filhos (e.g., Oliveira et al., 2008; Grzybowski, 2011), e, especificamente para a sua capacidade de autorregulação (Eisenberg et al., 1998; Tao et al., 2010). Crianças cujos pais reconhecem, aceitam e conversam acerca das emoções tendem a entender e aceitar as emoções, favorecendo o seu ajustamento psicológico (Gottman et al., 1997). Por outro lado, as crianças punidas ou ignoradas por manifestar emoções negativas podem associar a experiência dessas emoções a sanções negativas, ou sentir-se incompreendidas, o que pode contribuir para problemas de internalização e externalização (Buck, 1984; Mirabile, 2015; Roberts, 1999; Shaw et al., 2006). Desta forma, seria de esperar que a relação entre estas duas variáveis (reações parentais e total de problemas da criança) se pudessem relacionar de forma expressiva, mas tal não se verificou. Assim, este resultado deverá ser aprofundado em estudos futuros, recorrendo-se a metodologias de recolha e análise de maior complexidade (e.g., outros instrumentos que avaliem a reatividade emocional dos pais, inclusão de filhos na amostra, maior dimensão da amostra, *designs* longitudinais).

No entanto, verificou-se que, na amostra de pais biológicos, a variável reações parentais negativas tem correlações negativas e fortes com a variável reações construtivas, indicando que, à medida que exprimiam mais reações construtivas, as reações negativas tinham tendência a diminuir, e vice-versa. No entanto, na amostra de pais por conjugalidade não se verificou nenhum tipo de associação significativa entre estas duas variáveis. Estes resultados podem ser explicados por os pais biológicos assumirem uma posição mais firme, optando pela escolha de reações construtivas ou negativas assumindo a responsabilidade da disciplina, ao contrário dos pais por conjugalidade que podem ter tendência a ter uma posição mais secundária na resposta às

reações das crianças. Isto vai de encontro com o que alguns estudos defendem, ao afirmarem que as relações entre o padrasto/madrasta e a criança são definidas por menos proximidade em comparação ao relacionamento biológico (DeLongis & Preece, 2002), onde as mães biológicas têm mais tendência a permanecer mais envolvidas na vida da criança (Ihinger-Tallman & Pasley, 1997), e os pais biológicos com tendência para empregar mais disciplina (Fine et al., 1997, 1998).

Os resultados mostraram também que as variáveis empatia interpessoal e percepção do ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas) manifestaram correlações positivas e moderadas na amostra de pais biológicos, o que significa que, à medida que a empatia interpessoal aumenta, a percepção do ajustamento psicológico dos filhos também aumenta, e vice-versa. Desta forma, esta associação vai de encontro aos resultados de algumas investigações que demonstraram que os pais mais empáticos estão mais atentos à percepção das fragilidades e capacidades dos filhos e mais habilitados para notar e antecipar as suas necessidades. Consequentemente, tal contribui para o desenvolvimento da autorregulação da criança, ao mesmo tempo que disponibilizam e demonstram apoio (Fox & Calkins, 2003; Manczak et al., 2016). Além disso, também foi concluído que as interações positivas com os pais, se estes forem afetuosos, potenciam o desenvolvimento de um sentido de segurança, tendo efeitos na criança, como atitude otimista perante eventos stressantes e autoeficácia face a acontecimentos potenciadores de perigo ou *stress* (Mikulincer & Florian, 1998).

No entanto, podemos verificar ausência de correlação significativa entre a variável empatia interpessoal e a percepção do total de problemas dos filhos nos pais por conjugalidade, podendo indicar uma relação mais distante com os pais por conjugalidade comparativamente com os pais biológicos (Hetherington et al., 1992), traduzindo-se num menor impacto da empatia interpessoal dos pais por conjugalidade no ajustamento das crianças. Pode também demonstrar que estes pais eventualmente precisam de ajuda extra para trabalhar as capacidades empáticas de forma a conseguirem ter uma melhor percepção do ajustamento das crianças (Higginbotham et al., 2009), tendo em conta que o tempo que passam a fazer atividades e interagir com os enteados pode interferir na relação destas variáveis (Bell & Daly, 1996; Ganong & Coleman, 2016).

Os resultados evidenciaram também que, na amostra de pais biológicos, a variável empatia interpessoal tem correlações positivas e fortes com as reações parentais construtivas e correlações negativas e fortes com as reações parentais negativas; e na

amostra de pais por conjugalidade, correlações moderadas e positivas com as reações parentais construtivas, e moderadas e negativas com as reações parentais negativas. Isto significa que quando os pais, tanto biológicos como por conjugalidade, eram mais empáticos, apresentavam mais reações parentais construtivas, e quando eram menos empáticos, manifestavam mais reações parentais negativas, vice-versa. A relação entre estas duas variáveis foi ainda mais marcada na terceira pergunta exploratória, onde se procurava saber qual o contributo das variáveis independentes (tipo de parentalidade, empatia interpessoal dos pais e ajustamento psicológico dos filhos) para as variáveis dependentes (reações construtivas/negativas dos pais às emoções negativas dos filhos), e onde se constatou que a única variável que contribuiu significativamente para as variáveis dependentes foi a empatia interpessoal dos pais, de forma positiva para as reações parentais construtivas, e negativamente para as reações parentais negativas.

Como está estudado na literatura, os investigadores comumente concordam que a forma como os pais reagem e respondem às emoções das crianças são um método primário de socialização emocional e um fator fundamental para treinar a regulação e expressão emocional (Eisenberg et al., 1998; Morris et al., 2002; Tao et al., 2010). Os nossos resultados são consonantes com vários estudos como no caso da investigação levada a cabo por Perez-Albeniz e De Paul (2004), onde os autores concluíram que um dos motivos para atitudes desadequadas por parte dos pais foi a sua falta de empatia face à criança. Também Pavarino et al. (2005) verificaram uma correlação inversa entre empatia e agressividade, concluindo que défices em empatia constituem um fator de risco para comportamentos antissociais, especialmente os agressivos.

Os pais que interagem e revelam uma atitude de apoio, compreensão e de comunicação com os filhos, permitem que estes manifestem as suas emoções de forma espontânea experienciando estratégias de regulação emocional. Por outro lado, os pais que depreciam ou impedem a expressão de emoções por parte dos filhos controlando ou revelando comportamentos excessivamente protetores ou negligentes, não permitem que as crianças experienciem estratégias de regulação emocional que lhes possibilitem ajustar-se emocionalmente às situações quotidianas (Fox & Calkins, 2003). Os nossos resultados vão também de encontro com o facto de que pais mais empáticos propiciam apoio mais atento (Dix, 1992; Soenens et al., 2007) e manifestam interações mais agradáveis caracterizadas por uma maior partilha de afeto (Kochanska, 1997). Assim sendo, é importante ter em conta que a parentalidade empática auxilia as crianças a desenvolver a capacidade de regulação emocional (Field, 1994), sendo essencial que os

pais estejam disponíveis quando os filhos solicitam e necessitam de proteção face a estados de inquietação e *stress* (Parke & Buriel, 2006). Os progenitores permanecem como o maior centro de suporte emocional, instrumental e informacional, continuando a desempenhar um papel fundamental no auxílio emocional dos filhos (Pereira et al., 2005), mesmo que as aprendizagens cognitivas da criança no período escolar permitam uma maior compreensão de si, dos outros, e do mundo à sua volta, melhorando as capacidades sociais e o raciocínio moral (Mayseless, 2005), e levando a que haja uma maior regulação e autonomia emocional face aos pais (Raikes & Thompson, 2005).

Como foi já referido, em contexto de recasamento, a investigação sobre empatia interpessoal e parentalidade é ainda escassa, mais ainda com amostras de pais por conjugalidade. Contudo, um estudo realizado por Higginbotham et al. (2009) revelou que, num curso educativo para famílias em situação de recasamento, ao trabalharem a empatia, os pais passaram a compreender melhor como os seus filhos se sentiam, alterando a maneira como reagiam e respondiam às diversas situações que abarcavam as crianças, como o facto de conseguirem lidar com a expressão de emoções negativas.

Desta forma, e tendo em conta os resultados do presente estudo, o aprofundamento do conhecimento científico sobre empatia interpessoal é essencial para o estudo da parentalidade em diferentes configurações familiares, como o caso do recasamento, tendo em conta que esta variável parece assumir uma potencial e importante contribuição na reatividade parental demonstrada pelos pais, tanto biológicos como por conjugalidade, em contexto de recasamento.

## Conclusão

O recasamento é um fenómeno demográfico que tem obtido cada vez mais visibilidade em Portugal, com um aumento considerável nas últimas décadas (Delgado & Wall, 2014; Lopes et al., 2008), tornando-se fundamental conhecer e compreender as características e os processos que ocupam lugar neste tipo de configuração familiar, e de que forma se distingue do considerado normativo. Da mesma forma, sendo estas famílias marcadas por uma forte complexidade, torna-se importante perceber as influências que exercem tanto nas crianças que as integram como nos adultos que assumem a vertente da parentalidade (Alarcão, 2002; Anderson & Greene, 2013).

Procurámos, desta forma, compreender a relação entre empatia interpessoal dos pais, ajustamento psicológico dos filhos e reatividade parental construtiva e negativa em contexto de recasamento, analisando também as diferenças entre estas variáveis em pais por conjugalidade (madrastas e padrastos) e pais biológicos, tendo os resultados demonstrado diferenças significativas em ambas as subamostras na diferença de percepção que os pais têm do ajustamento psicológico dos filhos (total de problemas), onde os pais por conjugalidade apresentaram valores mais elevados relativamente à percepção de problemas nos filhos em comparação com os pais biológicos; associações entre empatia interpessoal e reatividade parental construtivas e negativas em ambas as subamostras, bem como entre reatividade parental construtiva e negativa na amostra de pais por conjugalidade. Aferimos ainda que a empatia interpessoal parental contribuiu negativamente para variância das reações parentais negativas, e positivamente para as reações parentais construtivas.

O facto de nos nossos resultados, apoiados pela literatura (e.g., Fox & Calkins, 2003; Higginbotham et al., 2009; Manczak et al., 2016), a empatia interpessoal dos pais assumir grande importância sublinha a utilidade de serem desenvolvidas e empregues estratégias de intervenção focadas na parentalidade e no desenvolvimento de competências emocionais, empáticas e de autorregulação com os pais em situação de recasamento. Assim, uma forma de prevenir e intervir pode ser através de *coaching* emocional com os pais em situação de recasamento através, por exemplo, de sessões de intervenção psicoeducacional em grupo onde se possa trabalhar e desenvolver competências e temas pertinentes (e.g., reações parentais perante a expressão de emoções negativas das crianças), trocar e discutir experiências e explorar pontos fortes.

Desta forma, tendo em conta que o presente estudo explora e analisa a associação da reatividade parental construtiva e negativa com variáveis intrapessoais dos pais (i.e., empatia interpessoal) e referentes aos filhos (i.e., ajustamento psicológico da criança), é clara a relevância das relações familiares e dos fatores referentes aos comportamentos dos próprios pais. No contexto português, dada a escassez de estudos científicos tanto quanto é do nosso conhecimento, principalmente com a variável empatia interpessoal dos pais, é um contributo na procura de estratégias e intervenções para exercer com indivíduos, casais, e/ou crianças que se encontrem em contexto familiar reconstituído.

Quanto às implicações do presente estudo para a investigação acerca da parentalidade em contexto de recasamento, é valiosa a sua continuidade tendo em conta os limites supramencionados. Como tal, torna-se relevante continuar a analisar a influência que a empatia interpessoal exerce no contexto de famílias recasadas, tendo em conta a relevância que demonstrou ao longo do presente estudo. O mesmo pode ser feito tendo em conta variáveis sociodemográficas que possam tornar-se relevantes neste contexto, como o tempo mensal que a criança vive com os pais biológicos/por conjugalidade, ou há quanto tempo o casal está junto, tal como outras variáveis mais gerais como o sexo das crianças e/ou dos pais. Além disso, pode ser importante explorar longitudinalmente de que forma fatores ligados ao recasamento e respetiva vivência se alteram ao longo do ciclo de vida familiar e do indivíduo, como por exemplo explorar a influência do uso de reações parentais construtivas e/ou negativas ao longo da infância no ajustamento psicológico do filho enquanto adolescente, ou como é que a empatia interpessoal dos pais se relaciona com a adaptação da criança ao longo das mudanças no núcleo familiar, entre outras. Pode, ainda, ser relevante estudar a influência de outros elementos na adaptação e vivência a este contexto, como a influência de irmãos, meios-irmãos e irmãos por conjugalidade.

### **Limitações**

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser refletidas. A nível metodológico, a recolha da amostra de pais por conjugalidade foi complicada e morosa, tendo sido difícil encontrar pais por conjugalidade que se disponibilizassem a participar. Consequentemente, a dimensão da amostra foi mais reduzida do que o planeado inicialmente, não permitindo que o projeto fosse tão complexo como o que se pretendia

a nível de análise das variáveis a estudar, obrigando a uma reformulação da investigação.

As próprias estratégias de amostragem e o duplo processo de recolha (presencial e *online*) podem ter interferido nas características da amostra. Houve vários protocolos que foram preenchidos sem a presença dos investigadores, o que pode ter feito com que alguns questionários não tenham sido corretamente preenchidos de acordo com as instruções, ou que não tivessem sido completados na totalidade.

Além de a amostra ser reduzida, a distribuição entre pais biológicos e pais por conjugalidade não foi uniforme, o que também contribuiu para que não fosse possível desenvolver análises estatísticas mais complexas, como por exemplo no que diz respeito a possíveis relações de moderação ou mediação entre as variáveis. Ainda, o carácter transversal do estudo também não permitiu explorar relações de causalidade entre as variáveis em estudo. Outra limitação do estudo é o facto de os pais serem a única fonte de dados, ou seja, ser baseado no autorrelato dos pais quanto às suas próprias características e do relato dos mesmos quanto às características dos filhos.

Apesar de tais limitações, a nossa investigação incide sobre uma temática relevante e, tanto quanto sabemos, pouco estudada em contexto português, sendo, pois, um contributo para o aprofundamento e reflexão de conhecimentos científicos acerca da parentalidade e reações parentais, tanto no geral como mais especificamente em contexto de recasamento, sugerindo pistas para estudos futuros e implicações para a intervenção clínica.

## Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios familiares* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reações parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): um questionário de avaliação da meta-emoção parental. In *Actas do VIII congresso iberoamericano de avaliação/evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos*.
- Amato, P. R. (2001). Children of divorce in the 1990s: an update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis.
- Amato, P. R. (2010). Research on divorce: Continuing trends and new developments. *Journal of Marriage and Family*, 72(3), 650-666.
- Amato, P. R., & Sobolewski, J. M. (2001). The effects of divorce and marital discord on adult children's psychological well-being. *American Sociological Review*, 900-921.
- Amato, P. R., Meyers, C. E., & Emery, R. E. (2009). Changes in nonresident father-child contact from 1976 to 2002. *Family Relations*, 58, 41-53.
- Anderson, E. R., Greene, S. M., Hetherington, E. M., & Clingempeel, W. G. (1999). The dynamics of parental remarriage: Adolescent, parent, and sibling influences. In E. M. Hetherington (Ed.), *Coping with divorce, single parenting, and remarriage: A risk and resiliency perspective* (pp. 295-319). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Anderson, E. R., & Greene, S. M. (2013). Beyond Divorce: Research on Children in Repartnered and Remarried Families. *Family Court Review*, 51(1), 119-130.
- Bell, R., & Daly, J. (1996). The affinity-seeking function of communication. *Communication Monographs*, 51, 91-115.
- Blanke, E. S., Raters, A., & Riediger, M. (2016). *Does Being Empathic Pay Off?—Associations Between Performance-Based Measures of Empathy and Social Adjustment in Younger and Older Women*.
- Boas, A. C. V. B. V., & Bolsoni-Silva, A. T. (2010). Habilidades sociais educativas de mães separadas e sua relação com o comportamento de pré-escolares. *Psico-USF*, 301-310.
- Booth, A. (1999). Causes and consequences of divorce: Reflections on recent research.



- Braithwaite, D. O., McBride, M. C., & Schrod, P. (2003). "Parent teams" and the everyday interactions of co-parenting in stepfamilies. *Communication Reports*, 16(2), 93-111.
- Braithwaite, D. O., Toller, P. W., Daas, K. L., Durham, W. T., & Jones, A. C. (2008). Centered but not caught in the middle: Stepchildren's perceptions of dialectical contradictions in the communication of co-parents. *Journal of Applied Communication Research*, 36(1), 33-55.
- Buck, R. (1984). *The communication of emotion*. Guilford Press.
- Campos, J. J., Mumme, D., Kermoian, R., & Campos, R. G. (1994). A functionalist perspective on the nature of emotion. *Japanese Journal of Research on Emotions*, 2(1), 1-20.
- Cartwright, C. (2005). Stepfamily living and parent-child relationships: An exploratory investigation. *Journal of Family Studies*, 11(2), 267-283.
- Cartwright, C. (2010). An exploratory investigation of parenting practices in stepfamilies. *New Zealand Journal of Psychology*, 39(1), 57-64.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71-93.
- Ceglian, C. P., & Gardner, S. (2000). Attachment style and the "wicked stepmother" spiral. *Journal of Divorce & Remarriage*, 34(1-2), 111-129.
- Cheng, H., Dunn, J., O'Connor, G., & Golding, J. (2006). Factors moderating children's adjustment to parental separation: Findings from a community study in England. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34(2), 239-250.
- Chiu, M. M. (2007). Families, economies, cultures, and science achievement in 41 countries: Country, school, and student-level analyses. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 510- 519.
- Coleman, M., Ganong, L., & Fine, M. (2000). Reinvestigating remarriage: Another decade of progress. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 1288-1307.
- Coleman, M., Fine, M. A., Ganong, L. H., Downs, K. J. M., & Pauk, N. (2001). When You're Not the Brady Bunch: Identifying Perceived Conflicts and Resolution Strategies in Stepfamilies. *Personal Relationships*, 8, 55-73.
- Coleman, M., Ganong, L., Russell, L., & Frye-Cox, N. (2015). Stepchildren's Views About Former Step-Relationships Following Stepfamily Dissolution. *Journal of Marriage and Family*, 77(3), 775-790.

- Cone, V. P. (2016). Self-Esteem's Relations to Empathy and Parenting. *Psychological Thought*, 9(2), 184-196.
- Costa, S., & Cruz, O. (2012). Atitudes e estilos educativos parentais em mães de crianças com processo de promoção e proteção. *AMAzônica*, 8(1), 310-337.
- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. B. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3).
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of personality and social psychology*, 44(1), 113-126.
- DeLongis, A., & Preece, M. (2002). Emotional and relational consequences of coping in stepfamilies. *Marriage & family review*, 34(1-2), 115-138.
- Demir, Y., Abdullah, A. T. L. I., & Ali, K. I. S. (2016). Empathy Based on Gender in Dissertations Submitted in Turkey: A Meta-Analysis Study. *Eurasian Journal of Educational Research*, 16(64).
- Delgado, A., & Wall, K. (2014). *Famílias nos censos 2011: diversidade e mudança*.
- de Oliveira, D., Siqueira, A. C., Dell'Aglio, D. D., & Lopes, R. D. C. S. (2008). Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes: Uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia*, 12(1).
- Dias, M. L. (1999). *Divórcio e família: a emergência da terapia familiar no Brasil*.
- Dix, T. (1992). Parenting on behalf of the child: Empathic goals in the regulation of responsive parenting.
- Doodson, L. J., & Davies, A. P. (2014). Different challenges, different well-being: A comparison of psychological well-being across stepmothers and biological mothers and across four categories of stepmothers. *Journal of Divorce & Remarriage*, 55(1), 49-63.
- Dunn, J. (2002). The adjustment of children in stepfamilies: Lessons from community studies. *Child and Adolescent Mental Health*, 7(4), 154-161.
- Dunn, J., Davies, L. C., O'Connor, T. G., & Sturgess, W. (2000). Parents' and partners' life course and family experiences: Links with parent-child relationships in different family settings. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 41(8), 955-968.

- Dwyer, K. M. (2005). The meaning and measurement of attachment in middle and late childhood. *Human Development*, 48, 155-182.
- Eisenberg, N., Champion, C., & Ma, Y. (2004). Emotion-related regulation: An emergent construct. *Merryl-Palmer Quarterly*, 50, 236-259.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological inquiry*, 9(4), 241-273.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., & Reiser, M. (2000). Dispositional emotionality and regulation: their role in predicting quality of social functioning. *Journal of personality and social psychology*, 78(1), 136.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Schaller, M., Carlo, G., & Miller, P. A. (1991). The relations of parental characteristics and practices to children's vicarious emotional responding. *Child development*, 62(6), 1393-1408.
- Falci, C. (2006). Family Structure, Closeness to Residential and Nonresidential Parents, and Psychological Distress in Early and Middle Adolescence. *Sociological Quarterly*, 47, 123-146.
- Faber, J., & Wittenborn, K. (2010). The role of attachment in children's adjustment to divorce and remarriage. *Journal of Family Psychotherapy*, 21(2), 89-104.
- Fabes, R. A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990). Coping with children's negative emotions scale (CCNES): Description and scoring. *Tempe, AZ: Arizona State University*.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: a framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3, 95-131.
- Ferreira, S. H. de A., & Barrera, S. D. (2010). Ambiente familiar e aprendizagem escolar em alunos da educação infantil. *Psico (Porto Alegre)*, 41(4), 462-47.
- Field, T. (1994). The effects of mother's physical and emotional unavailability on emotion regulation. *Monographs of the society for research in child development*, 59(2-3), 208-227.
- Fine, M. A., & Kurdek, L. A. (1992). The adjustment of adolescents in stepfather and stepmother families. *Journal of Marriage and the Family*, 725-736.
- Fine, M. A., Voydanoff, P., & Donnelly, B. W. (1994). Parental perceptions of child well-being: Relations to family structure, parental depression, and marital satisfaction. *Journal of applied developmental psychology*, 15(2), 165-186.

- Fine, M. A., Ganong, L. H., & Coleman, M. (1997). The relation between role constructions and adjustment among stepfathers. *Journal of Family Issues*, 18(5), 503-525.
- Fine, M. A., Coleman, M., & Ganong, L. H. (1998). Consistency in perceptions of the step-parent role among step-parents, parents and stepchildren. *Journal of social and personal relationships*, 15(6), 810-828.
- Fisher, P. A., Leve, L. D., O'Leary, C. C., & Leve, C. (2003). Parental Monitoring of Children's Behavior: Variations Across Stepmother, Stepfather, and Two-Parent Biological Families. *Family Relations*, 52, 45-52.
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ-Por)[Strengths and Difficulties Questionnaire—Portuguese version]. *Retirado de [www.sdqinfo.org](http://www.sdqinfo.org)*.
- Formiga, N. S. (2013). Proposta de um modelo parcimonioso entre a empatia e orientação cultural em brasileiros. *Salud & Sociedad: investigaciones en psicologia de la salud y psicologia social*, 4(2), 186-199.
- Fox, N. A., & Calkins, S. D. (2003). The development of self-control of emotion: Intrinsic and extrinsic influences. *Motivation and emotion*, 27(1), 7-26.
- Ganong, L. H., & Coleman, M. (2012). *Stepfamily relationships: Development, dynamics, and interventions*. Springer-Verlag New York.
- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the strengths and difficulties questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40(11), 1337-1345.
- Gosselin, J., & David, H. (2007). Risk and resilience factors linked with the psychosocial adjustment of adolescents, stepparents and biological parents. *Journal of Divorce & Remarriage*, 48(1-2), 29-53.
- Gosselin, J., & Gosselin, N. (2016). Women's Maternal Experiences in Canadian Stepfamilies: An Exploratory Study. *Journal of Divorce & Remarriage*, 57(6), 389-410.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1997). *Meta-emotion: How families communicate emotionally*. Psychology Press.
- Grzybowski, L. S. (2011). Ser pai e ser mãe: Como compartilhar a tarefa educativa após o divórcio? In A. Wagner (Ed.), *Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões* (pp. 19-35). Porto Alegre, RS: Artmed.

- Grünh, D., Diehl, M., Rebucal, K. & Lumley, M. (2008). Empathy across the adult life-span: longitudinal and experience-finding samples. *Emotions*, 8, 753–765.
- Guevara, I. P., Cabrera, V. E., Gonzalez, M. R., & Devis, J. V. (2015). Empathy and sympathy as mediators between parental inductive discipline and prosocial behavior in Colombian families. *International Journal of Psychological Research*, 8(2), 34-48.
- Guimarães, N. D. O., & Amaral, A. C. (2009). Famílias com filhos de casamentos anteriores. *Manual de terapia familiar. Porto Alegre: Artmed*, 1, 272-285.
- Hetherington, M. (1993). An overview of the Virginia Longitudinal Study of Divorce and Remarriage with a focus on early adolescence. *Journal of family psychology*, 7(1), 39.
- Hetherington, M. (2003). Social support and the adjustment of children in divorced and remarried families. *Childhood*, 10(2), 217-236.
- Hetherington, E. M., & Clingempeel, W. G., in collaboration with Anderson, E R., Deal, J. E., Stanley Hagan, M., Holier, E. A., & Lindner, M. S. (1992). Coping with marital transitions: A family systems perspective. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 57(2–3), Serial no. 227.
- Hetherington, E. M., & Kelly, J. (2002). For Better or For Worse: Divorce Reconsidered. *National Review – Bristol Connecticut*, 54, 50-51.
- Higginbotham, B., Skogrand, L., & Torres, E. (2009). Stepfamily education: Perceived benefits for children. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51(1), 36-49.
- Hobart, C. (1991). Conflict in remarriages. *Journal of Divorce & Remarriage*, 15(3-4), 69-86.
- Hofferth, S. L., & Anderson, K. G. (2003). Are all dads equal? Biology versus marriage as a basis for paternal investment. *Journal of Marriage and Family*, 65, 213–232.
- Ihinger-Tallman, M., & Pasley, K. (1997). Stepfamilies in 1984 and today—A scholarly perspective. *Marriage & Family Review*, 26(1-2), 19-40.
- Jensen, T. M., & Shafer, K. (2013). Stepfamily functioning and closeness: Children's views on second marriages and stepfather relationships. *Social Work*, 58(2), 127-136.
- Jeynes, W. H. (2006). The impact of parental remarriage on children: a Meta-analysis. *Marriage and Family Review*, 40(4), 75-102.

- Jia, E., & Schoppe-Sullivan, S. (2012). Transactional relations between father involvement and preschoolers socioemotional adjustment. *Journal of Family Psychology*, 26(6), 848-857.
- Jones, S., Eisenberg, N., Fabes, R. A., & MacKinnon, D. P. (2002). Parents' reactions to elementary school children's negative emotions: Relations to social and emotional functioning at school. *Merrill-Palmer Quarterly*, 48(2), 133-159.
- Kelly, J. B., & Emery, R. E. (2003). Children's adjustment following divorce: Risk and resilience perspectives. *Family Relations*, 52(4), 352-362.
- Kim, H.-J. (2004). Family resources and children's academic performance. *Children and Youth Services Review*, 26, 529- 536.
- King, D. B., & DeLongis, A. (2013). Dyadic coping with stepfamily conflict: Demand and withdraw responses between husbands and wives. *Journal of Social and Personal Relationships*, 30(2), 198-206.
- Kochanska, G. (1997). Mutually responsive orientation between mothers and their young children: Implications for early socialization. *Child development*, 68(1), 94-112.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Roesch, S. C. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviors. *Journal of Adolescence*, 27(6), 703-716.
- Lansford, E. (2009). Parental divorce and children's adjustment. *Perspectives on Psychological Science*, 4, 140-152.
- Lee-Baggley, D., Preece, M., & DeLongis, A. (2005). Coping with interpersonal stress: Role of Big Five traits. *Journal of personality*, 73(5), 1141-1180.
- Leme, V. B. R., & Marturano, E. M. (2014). Preditores de comportamentos e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 153-162.
- Leme, V. B. R., Marturano, E. M., & Fontaine, A. M. G. V. (2014). Habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares e recasadas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3).
- Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia*, 8, 171-184.
- Lopes, A., Ferreira, A., Ramos, M. & Oliveira, I. (2008). *O Recasamento em Portugal: Tendências Actuais*. IIIº Congresso Português de Demografia.

- MacDonald, W. L., & DeMaris, A. (1996). Parenting stepchildren and biological children: The effects of stepparent's gender and new biological children. *Journal of Family Issues*, 17(1), 5-25.
- Manczak, E. M., DeLongis, A., & Chen, E. (2016). Does empathy have a cost? Diverging psychological and physiological effects within families. *Health Psychology*, 35(3), 211.
- Mayseless, O. (2005). Ontogeny of attachment in middle childhood: Conceptualization of normative changes. In K. A. Kerns & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 1-23). New York: Guilford Press.
- McHale, J., Kuersten-Hogan, R., & Rao, N. (2004). Growing points of coparenting theory and research. *Journal of Adult Development*, 11, 221-234.
- Metts, S., Braithwaite, D. O., Schrod, P., Wang, T. R., Holman, A. J., Nuru, A. K., & Stephenson Abetz, J. (2013). The experience and expression of stepchildren's emotions at critical events in stepfamily life. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54(5), 414-437.
- Metts, S. M., Schrod, P., & Braithwaite, D. O. (2017). Stepchildren's Communicative and Emotional Journey from Divorce to Remarriage: Predictors of Stepfamily Satisfaction. *Journal of Divorce & Remarriage*, 58(1), 29-43.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events.
- Mirabile, S. P. (2015). Ignoring Children's Emotions: A novel ignoring subscale for the Coping with Children's Negative Emotions Scale. *European Journal of Developmental Psychology*, 12(4), 459-471.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Sessa, F. M., Avenevoli, S., & Essex, M. J. (2002). Temperamental vulnerability and negative parenting as interacting predictors of child adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64(2), 461-471.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16, 361-388.
- Nunes-Costa, A., Lamela, J., & Figueiredo, F. (2009). Psychosocial adjustment and physical health in children of divorce. *Jornal de pediatria*, 85(5), 385-396.
- Pallant, J. (2005). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (2nd edition.). Australia: Allen & Unwin.

- Parke, R. D., & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504). New York: Wiley.
- Pasley, K., & Garneau, C. (2012). Remarriage and Stepfamily Life. In F. Walsh (Ed.), *Normal Family Processes: Growing Diversity and Complexity* (pp. 149–171). New York: Guilford.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36(2), 3.
- Pereira, A. I. F., Canavarro, M. C., Mendonça, D. V., & Cardoso, M. (2005). Validação de um instrumento de avaliação do apoio social em crianças – Versão portuguesa do my family and friends. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico y Evaluación*, 20, 105-131.
- Perez-Albeniz, A., & de Paul, J. (2004). Gender differences in empathy in parents at high- and low-risk of child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*, 28, 289-300.
- Potter, D. (2010). Psychosocial well-being and the relationship between divorce and children's academic achievement. *Journal of Marriage and Family* 72(8), 933-946.
- Raikes, H. A., & Thompson, R. A. (2005). Relationships past, present, and future: Reflections on attachment in middle childhood. In K. A. Kerns & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 71-88). New York: Guilford Press.
- Ribeiro, R. M. F. (2005). Adoção emocional em famílias de recasamento: um estudo sobre a construção das relações afetivas entre padrastos/madrastas e seus enteados. *Rio de Janeiro*.
- Roberts, W. L. (1999). The socialization of emotional expression: Relations with prosocial behaviour and competence in five samples. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 31(2), 72.
- Sanders, M. R., Cann, W., & Markie-Dadds, C. (2003). The Triple P-Positive Parenting Programme: a universal population-level approach to the prevention of child abuse. *Child abuse review*, 12(3), 155-171.
- Sandler, L., Miles, J., Cookston, J., & Braver, S. (2008). Effects of father and mother parenting on children's mental health in high and low conflict divorces. *Family Court Review*, 46, 282-296.



- Shaw, D. S., Schonberg, M., Sherrill, J., Huffman, D., Lukon, J., Obrosky, D., & Kovacs, M. (2006). Responsivity to offspring's expression of emotion among childhood-onset depressed mothers. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 35(4), 490-503.
- Schenck, C. E., Braver, S. L., Wolchik, S. A., Saenz, D., Cookston, J. T., & Fabricius, W. V. (2009). Relations between mattering to step- and non-residential fathers and adolescent mental health. *Fathering*, 7(1), 70-90.
- Schmeeckle, M. (2007). Gender Dynamics in Stepfamilies: Adult stepchildren's views. *Journal of Marriage and Family*, 69, 174-189.
- Schrodt, P., & Afifi, T. D. (2007). Communication processes that predict young adults' feelings of being caught and their associations with mental health and family satisfaction. *Communication Monographs*, 74(2), 200-228.
- Silva, P. O. M., Trindade, Z. A., & Junior, A. S. (2012). As representações sociais de conjugalidade entre casais recasados. *Estudos de Psicologia*, 17(3).
- Soares, I. (2001). Vinculação e cuidados maternos. Segurança, protecção e desenvolvimento da regulação emocional. In M. C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 75-104). Coimbra: Quarteto Editora.
- Soenens, B., Duriez, B., Vansteenkiste, M., & Goossens, L. (2007). The intergenerational transmission of empathy-related responding in adolescence: The role of maternal support. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(3), 299-311.
- Souza, R. M. (2000). Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psicol. teor. pesqui*, 16(3), 203-211.
- Speer, R. B., & Trees, A. R. (2007). The push and pull of stepfamily life: The contribution of stepchildren's autonomy and connection-seeking behaviors to role development in stepfamilies. *Communication Studies*, 58(4), 377-394.
- Stanley, S. M., Markman, H. J., & Whitton, S. W. (2002). Communication, conflict, and commitment: Insights on the foundations of relationship success from a national survey. *Family process*, 41(4), 659-675.
- Steele, F., Sigle-Rushton, W., & Kravdal, Ø. (2009). Consequences of family disruption on children's educational outcomes in Norway. *Demography*, 46(3), 553-574.
- Steger, M. F., Kashdan, T. B., & Oishi, S. (2008). Being good by doing good: Daily eudaimonic activity and well-being. *Journal of Research in Personality*, 42(1), 22-42.

- Strayer, J., & Roberts, W. (2004). Children's anger, emotional expressiveness, and empathy: Relations with parents' empathy, emotional expressiveness, and parenting practices. *Social development, 13*(2), 229-254.
- Strohschein, L. (2005). Parental divorce and child mental health trajectories. *Journal of Marriage and Family, 67*, 1286-1300.
- Tao, A., Zhou, Q., & Wang, Y. (2010). Parental reactions to children's negative emotions: Prospective relations to Chinese children's psychological adjustment. *Journal of Family Psychology, 24*(2), 135.
- Troilo, J., & Coleman, M. (2012). Full-time, part-time full-time, and part-time fathers: Father identities following divorce. *Family Relations, 61*, 601-614.
- Trumpeter, N. N., Watson, P. J., O'Leary, B. J., & Weathington, B. L. (2008). Self-functioning and perceived parenting: Relations of parental empathy and love inconsistency with narcissism, depression, and self-esteem. *The Journal of genetic psychology, 169*(1), 51-71.
- Uziel, A. P. (2000). "Tal pai, tal filho" em tempos de pluriparentalidade. Expressão fora do lugar. Encontro Nacional da Anpocs, 24.
- Vagaroso, A. (2014). *Psicopatia, criminalidade e empatia: resultados de uma amostra prisional portuguesa*.
- Vélez, C. E., Wolchik, S. A., Tein, J., & Sandler, I. (2011). Protecting children from the consequences of divorce: A longitudinal study of the effects of parenting on children's coping processes. *Child Development, 82*(1), 244-257.
- Veríssimo, M., & Salvaterra, F. (2006). Maternal secure-base scripts and children's attachment security in an adopted sample. *Attachment & Human Development, 8*(3), 261-273.
- Wagner, A. (2002). Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. *Família em cena: tramas, dramas e transformações, 23-38*.
- Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2000). O recasamento e a representação gráfica da família. *Temas em Psicologia, 8*(1), 11-19.
- Whiting, J. B., Smith, D. R., Bamett, T., & Gafsky, E. L. (2007). Overcoming the Cinderella myth: A mixed methods study of successful stepmothers. *Journal of Divorce & Remarriage, 47*(1-2), 95-109.

Wilkes, C., & Fromme, D. K. (2002). Stability and change in the experiences of parents, stepparents and adolescents in stepfamilies. *Journal of Divorce & Remarriage*, 38(1-2), 109-124.

**Anexos**

**Anexo A – Output caracterização da configuração familiar**

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Pais biológicos	80	65,6	65,6	65,6
Pais por conjugalidade	42	34,4	34,4	100,0
Total	122	100,0	100,0	

## Anexo B – Outputs da caracterização dos pais biológicos

<b>Sexo</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Feminino	45	56,3	56,3	56,3
Masculino	35	43,8	43,8	100,0
Total	80	100,0	100,0	

<b>Estatísticas descritivas</b>	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade do participante	78	28	59	40,99	6,260
Idade do filho alvo	76	5	13	9,30	2,400
Número de Filhos	78	1	4	2,28	,719

<b>Escolaridade</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
5 a 6 anos de escolaridade	4	5,0	5,0	5,0
7 a 9 anos de escolaridade	27	33,8	33,8	38,8
10 a 12 anos de escolaridade	24	30,0	30,0	68,8
Frequência universitária	7	8,8	8,8	77,5
Ensino superior	18	22,5	22,5	100,0
Total	80	100,0	100,0	

<b>Residência - zona do país (versão reclassificada)</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Zona Grande Lisboa	72	90,0	91,1	91,1
Zona Centro	3	3,8	3,8	94,9
Zona Sul	2	2,5	2,5	97,5
Zona Norte	1	1,3	1,3	98,7
Reino Unido	1	1,3	1,3	100,0
Total	79	98,8	100,0	
Omisso	999	1	1,3	
Total	80	100,0		

Situação laboral atual		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
	Trabalhador independente	4	5,0	5,1	5,1
	Trabalhador por conta de outrem	72	90,0	91,1	96,2
	Desemprego	3	3,8	3,8	100,0
	Total	79	98,8	100,0	
Omisso	999	1	1,3		
Total		80	100,0		

Estatuto ocupacional		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
	Trabalho a tempo inteiro	73	91,3	97,3	97,3
	Trabalho a tempo parcial	2	2,5	2,7	100,0
	Total	75	93,8	100,0	
Omisso	111	1	1,3		
	999	4	5,0		
	Total	5	6,3		
Total		80	100,0		



<b>Situação conjugal relacional atual</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Casado(a) desde	18	22,5	22,5	22,5
Coabitação conjugal (viver junto) desde	60	75,0	75,0	97,5
Divorciado (a) desde	2	2,5	2,5	100,0
Total	80	100,0	100,0	

<b>Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Nunca teve	62	77,5	78,5	78,5
Teve no passado	17	21,3	21,5	100,0
Total	79	98,8	100,0	
Omisso	999	1	1,3	
Total	80	100,0		

<b>Religiosidade</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Não crente	21	26,3	26,3	26,3
Crente	59	73,8	73,8	100,0
Total	80	100,0	100,0	

<b>Número de filhos</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
1	7	8,8	9,0	9,0
2	47	58,8	60,3	69,2
3	19	23,8	24,4	93,6
4	5	6,3	6,4	100,0
Total	78	97,5	100,0	
Omisso	999	2,5		
Total	80	100,0		

Sexo do filho alvo		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
	Masculino	34	42,5	45,3	45,3
	Feminino	41	51,3	54,7	100,0
	Total	75	93,8	100,0	
Omisso	999	5	6,3		
Total		80	100,0		

Apoios do filho alvo		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
	Sem apoios	61	76,3	78,2	78,2
	Escolar	9	11,3	11,5	89,7
	Psicológico	2	2,5	2,6	92,3
	Pedopsiquiátrico	1	1,3	1,3	93,6
	Terapia da Fala	2	2,5	2,6	96,2
	Escolar e Psicológico	3	3,8	3,8	100,0
	Total	78	97,5	100,0	
Omisso	999	2	2,5		
Total		80	100,0		

## Anexo C – Outputs caracterização pais por conjugalidade

<b>Sexo</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Feminino	28	66,7	66,7	66,7
Masculino	14	33,3	33,3	100,0
Total	42	100,0	100,0	

<b>Estatísticas descritivas</b>	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade do participante	42	29	53	39,50	6,414
Idade do filho alvo	41	6	13	9,39	2,060
Número de Filhos	42	1	5	2,17	1,208

<b>Escolaridade</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
7 a 9 anos de escolaridade	10	23,8	23,8	23,8
10 a 12 anos de escolaridade	15	35,7	35,7	59,5
Frequência universitária	3	7,1	7,1	66,7
Ensino superior	12	28,6	28,6	95,2
Outro, qual?	2	4,8	4,8	100,0
Total	42	100,0	100,0	

<b>Residência - zona do país (versão reclassificada)</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Zona Grande Lisboa	20	47,6	47,6	47,6
Zona Centro	21	50,0	50,0	97,6
Zona Norte	1	2,4	2,4	100,0
Total	42	100,0	100,0	

<b>Situação laboral atual</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Trabalhador independente	8	19,0	19,0	19,0
Trabalhador por conta de outrem	33	78,6	78,6	97,6
Desemprego	1	2,4	2,4	100,0
Total	42	100,0	100,0	

<b>Estatuto ocupacional</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Trabalho a tempo inteiro	32	76,2	97,0	97,0
Trabalho a tempo parcial	1	2,4	3,0	100,0
Total	33	78,6	100,0	
Omisso	999	9	21,4	
Total	42	100,0		

<b>Número de filhos</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
1	15	35,7	35,7	35,7
2	14	33,3	33,3	69,0
3	7	16,7	16,7	85,7
4	3	7,1	7,1	92,9
5	3	7,1	7,1	100,0
Total	42	100,0	100,0	

<b>Situação conjugal relacional atual</b>	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Casado(a) desde	4	9,5	9,5	9,5
Coabitação conjugal (viver junto) desde	38	90,5	90,5	100,0
Total	42	100,0	100,0	

**Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?**

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Nunca teve	36	85,7	85,7	85,7
Teve no passado	5	11,9	11,9	97,6
Tem atualmente	1	2,4	2,4	100,0
Total	42	100,0	100,0	

**Religiosidade**

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Não crente	15	35,7	35,7	35,7
Crente	27	64,3	64,3	100,0
Total	42	100,0	100,0	



Sexo do filho alvo		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
	Masculino	19	45,2	46,3	46,3
	Feminino	22	52,4	53,7	100,0
	Total	41	97,6	100,0	
Omisso	999	1	2,4		
Total		42	100,0		

Apoios do filho alvo		Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
	Sem apoios	30	71,4	71,4	71,4
	Escolar	9	21,4	21,4	92,9
	Psicológico	2	4,8	4,8	97,6
	Escolar e Psicológico	1	2,4	2,4	100,0
	Total	42	100,0	100,0	

**Anexo D - Índice de Reatividade Interpessoal – IRI (Davis, 1983; Versão Portuguesa: Limpo, Alves & Castro, 2010)**

IRI (Davis, 1983; versão portuguesa: Limpo, Alves, & Castro, 2010)

Não me descreve bem				Descreve-me muito bem	
1	2	3	4	5	
1. Tenho muitas vezes sentimentos de ternura e preocupação pelas pessoas menos afortunadas do que eu.	1	2	3	4	5
2. De vez em quando tenho dificuldade em ver as coisas do ponto de vista dos outros.	1	2	3	4	5
3. Às vezes, não sinto muita pena quando as outras pessoas estão a ter problemas.	1	2	3	4	5
4. Facilmente me deixo envolver nos sentimentos das personagens de um romance.	1	2	3	4	5
5. Em situações de emergência, sinto-me desconfortável e apreensivo(a).	1	2	3	4	5
6. Habitualmente mantenho a objetividade ao ver um filme ou um teatro e não me deixo envolver por completo.	1	2	3	4	5
7. Quando há desacordo, tento atender a todos os pontos de vista antes de tomar uma decisão.	1	2	3	4	5
8. Quando vejo que se estão a aproveitar de uma pessoa, sinto vontade de a proteger.	1	2	3	4	5
9. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos imaginando a sua perspectiva de ver as coisas.	1	2	3	4	5
10. É raro ficar completamente envolvido(a) num bom livro ou filme.	1	2	3	4	5
11. Quando vejo alguém ficar ferido, tendo a permanecer calmo(a).	1	2	3	4	5
12. As desgraças dos outros não me costumam perturbar muito.	1	2	3	4	5
13. Depois de ver um filme ou um teatro, sinto-me como se tivesse sido uma das personagens.	1	2	3	4	5
14. Estar numa situação emocional tensa assusta-me.	1	2	3	4	5
15. Geralmente sou muito eficaz a lidar com emergências.	1	2	3	4	5
16. Fico muitas vezes emocionado(a) com coisas que vejo acontecer.	1	2	3	4	5
17. Acredito que uma questão tem sempre dois lados e tento olhar para ambos.	1	2	3	4	5
18. Descrever-me-ia como uma pessoa de coração mole.	1	2	3	4	5
19. Quando vejo um bom filme, consigo facilmente pôr-me no lugar do protagonista.	1	2	3	4	5
20. Tendo a perder o controlo em situações de emergência.	1	2	3	4	5
21. Quando estou aborrecido(a) com alguém, geralmente tento pôr-me no seu lugar por um momento.	1	2	3	4	5
22. Quando estou a ler uma história ou um romance interessante, imagino como me sentiria se aqueles acontecimentos se tivessem passado comigo.	1	2	3	4	5
23. Quando vejo alguém numa emergência a precisar muito de ajuda, fico completamente perdido(a).	1	2	3	4	5
24. Antes de criticar alguém, tento imaginar como me sentiria se estivesse no seu lugar.	1	2	3	4	5
Não me descreve bem				Descreve-me muito bem	
1	2	3	4	5	

**Anexo F - *Strengths and Difficulties Questionnaire* - SDQ-Por (Goodman, 2001;  
Versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005)**

(SDQ-Por) (Goodman, 1997; versão portuguesa: Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2004)

Encontra, de seguida, 25 frases. Para cada uma delas marque, com uma **cruz**, um dos seguintes quadrados: não é verdade; é um pouco verdade; é muito verdade. Ajuda-nos muito se responder a todas as afirmações o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha. Por favor, responda com base no **comportamento do seu filho, nos últimos seis meses**.

	Não é verdade	É um pouco verdade	É muito verdade
1. É sensível aos sentimentos dos outros.			
2. É irrequieto(a), muito mexido(a), nunca pára quieto(a).			
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vômitos.			
4. Partilha facilmente com as outras crianças (doces, brinquedos, lápis, etc).			
5. Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras.			
6. Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho(a).			
7. Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os adultos lhe mandam.			
8. Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado(a).			
9. Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.			
10. Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos.			
11. Tem pelo menos um bom amigo/uma boa amiga.			
12. Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as.			
13. Anda muitas vezes triste, desanimado(a) ou choroso(a).			
14. Em geral as outras crianças gostam dele(a).			
15. Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar.			
16. Em situações novas é receoso(a), muito agarrado(a) e pouco seguro(a).			
17. É simpático(a) e amável com crianças mais pequenas.			
18. Mente frequentemente ou engana.			
19. As outras crianças metem-se com ele(a), ameaçam-no(a) ou intimidam-no(a).			
20. Sempre pronto(a) a ajudar os outros (pais, professores ou outras crianças).			
21. Pensa nas coisas antes de as fazer.			
22. Rouba em casa, na escola ou em outros sítios.			
23. Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças.			
25. Tem muitos medos, assusta-se com facilidade.			
25. Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção.			



**Anexo G - Coping With Children's Negative Emotions Scale – CCNES (Fabes, Eisenber & Bernzweig, 1990; Versão Portuguesa: Alves & Cruz, 2011)**

**CCNES** (Fabes, Eisenber, & Bernzweig, 1990; versão portuguesa: Alves & Cruz, 2011)

Ao longo de doze situações, pedimos que indique numa escala de 1 (*Nada provável*) a 7 (*Muito provável*) a probabilidade de responder de forma semelhante ao que é descrito em cada uma das alíneas apresentadas. Por favor, coloque em cada alínea (a - f) um círculo à volta do número (1 - 7) que melhor traduz a probabilidade de responder ou agir como o descrito.

Nada Provável			Médio			Muito Provável
1	2	3	4	5	6	7

<b>1. Se o meu filho se zanga porque está doente ou se magoou e não pode ir a uma festa de anos, eu:</b>						
a) Mando-o ir para o quarto para se acalmar.	1	2	3	4	5	6 7
b) Zango-me com ele.	1	2	3	4	5	6 7
c) Ajudo-o a pensar numa forma de ainda estar com os amigos (ex. convidar alguns amigos para irem lá para casa).	1	2	3	4	5	6 7
d) Digo-lhe para não dar tanta importância ao assunto.	1	2	3	4	5	6 7
e) Encorajo-o a expressar os seus sentimentos de zanga e frustração.	1	2	3	4	5	6 7
f) Acalmo-o, faço alguma coisa divertida para que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6 7
<b>2. Se o meu filho cai de bicicleta e a estraga, e depois fica chateado, eu:</b>						
a) Consigo manter-me calmo(a).	1	2	3	4	5	6 7
b) Conforto-o e tento que esqueça o acidente.	1	2	3	4	5	6 7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6 7
d) Ajudo-o a pensar como é que pode arranjar a bicicleta.	1	2	3	4	5	6 7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar.	1	2	3	4	5	6 7
f) Digo-lhe para parar de chorar ou fica sem andar de bicicleta nos próximos tempos.	1	2	3	4	5	6 7
<b>3. Se o meu filho perde uma coisa de que gosta muito e reage a chorar, eu:</b>						
a) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6 7
b) Aborreço-me com ele por ser tão descuidado e depois digo-lhe que não é preciso chorar por causa disso.	1	2	3	4	5	6 7
c) Ajudo-o a pensar em sítios onde ainda não procurou.	1	2	3	4	5	6 7
d) Distraio-o, falando de coisas alegres.	1	2	3	4	5	6 7
e) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos tristes.	1	2	3	4	5	6 7
f) Digo-lhe que é isso que acontece quando não se tem cuidado.	1	2	3	4	5	6 7



<b>4. Se o meu filho tem medo de injeções e fica trémulo e a chorar antes de apanhar uma, eu:</b>							
a) Digo-lhe para se comportar bem, que depois o deixo fazer algo que ele gosta muito de fazer (ex. ver televisão).	1	2	3	4	5	6	7
b) Encorajo-o a falar dos seus medos.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para não dar muita importância à injeção.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para ele não chorar pois vai-nos embarçar.	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o antes e depois de tomar a injeção.	1	2	3	4	5	6	7
f) Ajudo-o pensar em formas de diminuir a dor (por exemplo, respirar fundo).	1	2	3	4	5	6	7
<b>5. Se o meu filho vai passar a tarde a casa de um amigo e aí, começa a ficar nervoso e preocupado porque eu não posso ficar com ele, eu:</b>							
a) Distraio-o, falando de como se vai divertir com o amigo.	1	2	3	4	5	6	7
b) Ajudo-o a pensar em coisas que pode fazer para que não sinta medo na minha ausência (ex. levar um livro ou um brinquedo).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não vale a pena reagir assim e que está a portar-se como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que se não pára de se portar assim, nunca mais vai a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	7
e) Sinto-me desconfortável e aborrecida por causa das reacções dele.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
<b>6. Se o meu filho está a participar numa actividade de grupo com os amigos, comete um erro e fica embaraçado, quase a chorar, eu:</b>							
a) Consolo-o e tento que se sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que ele está a exagerar.	1	2	3	4	5	6	7
c) Sinto-me desconfortável e envergonhado(a).	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe para se recompor ou vamos para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
e) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir embaraçado.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que eu vou ajudá-lo a praticar para que da próxima vez corra melhor.	1	2	3	4	5	6	7
<b>7. Se o meu filho vai participar numa festa ou numa prova desportiva e fica visivelmente nervoso pelo facto das pessoas olharem para ele, eu:</b>							
a) Ajudo-o a pensar em coisas que pode fazer para se preparar (ex. fazer o aquecimento e não olhar para o público).	1	2	3	4	5	6	7
b) Sugiro-lhe que pense nalguma coisa relaxante para se acalmar.	1	2	3	4	5	6	7
c) Consigo manter-me calma.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe para se acalmar de imediato ou vamos directos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar acerca do facto de se sentir nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
<b>8. Se o meu filho abre, na presença do amigo, um presente de aniversário que este lhe ofereceu, e não gosta, ficando visivelmente desiludido e mesmo aborrecido, eu:</b>							
a) Incentivo-o a expressar os seus sentimentos de decepção.	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que pode trocar o presente por algo que ele queira.	1	2	3	4	5	6	7
c) Fico chateado(a) com o meu filho por estar a ser rude.	1	2	3	4	5	6	7
d) Digo-lhe que está a exagerar.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ralho-lhe porque não está ser sensível aos sentimentos do amigo.	1	2	3	4	5	6	7
f) Faço algo divertido para que sinta melhor.	1	2	3	4	5	6	7
<b>9. Se o meu filho está muito assustado e não consegue ir dormir depois de ter visto um filme de terror, eu:</b>							
a) Encorajo-o a falar do que o assustou.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico aborrecido(a) com ele por se comportar de uma forma tonta.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que está a reagir de forma exagerada.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar numa coisa que pode fazer para o ajudar a adormecer (ex. levar um boneco para a cama, deixar as luzes acesas).	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe para ir para a cama e que não o deixo ver mais televisão.	1	2	3	4	5	6	7
f) Faço alguma coisa divertida para o ajudar a esquecer o que o assustou.	1	2	3	4	5	6	7
<b>10. Se o meu filho está no parque e aparece quase a chorar porque as outras crianças não o deixam brincar, eu:</b>							
a) Digo-lhe para não me aborrecer.	1	2	3	4	5	6	7



b) Digo-lhe que se começar a chorar teremos de ir para casa imediatamente.	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe que não tem mal chorar quando nos sentimos mal.	1	2	3	4	5	6	7
d) Conforto-o e tento ajudá-lo a pensar em algo feliz.	1	2	3	4	5	6	7
e) Ajudo-o a pensar numa outra coisa para fazer.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se vai sentir melhor em breve.	1	2	3	4	5	6	7
<b>11. Se o meu filho está a brincar com outras crianças, uma delas lhe chama nomes e ele começa a ficar trémulo e a chorar, eu:</b>							
a) Digo-lhe para não dar muita importância.	1	2	3	4	5	6	7
b) Fico eu aborrecido(a).	1	2	3	4	5	6	7
c) Digo-lhe para se portar bem ou vamos diretos para casa.	1	2	3	4	5	6	7
d) Ajudo-o a pensar no que pode fazer quando os outros implicam com ele (ex. procurar outras coisas para fazer).	1	2	3	4	5	6	7
e) Conforto-o e faço com ele um jogo para que ele se esqueça do que o aborreceu.	1	2	3	4	5	6	7
f) Encorajo-o a falar de como magoa ser gozado.	1	2	3	4	5	6	7
<b>12. Se o meu filho é tímido e fica amedrontado, chora e quer ficar no quarto sempre que recebemos visitas em casa, eu:</b>							
a) Ajudo-o a pensar no que pode fazer para que não seja tão assustador estar com visitas (ex. pegar no brinquedo favorito).	1	2	3	4	5	6	7
b) Digo-lhe que não tem mal sentir-se nervoso.	1	2	3	4	5	6	7
c) Tento que se distraia, falando das coisas divertidas que pode fazer com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
d) Sinto-me desconfortável e aborrecido(a) por causa da reação dele.	1	2	3	4	5	6	7
e) Digo-lhe que tem de ficar na sala e estar com as visitas.	1	2	3	4	5	6	7
f) Digo-lhe que se está a portar como um bebé.	1	2	3	4	5	6	7